



Terra Santa

SAÍDAS PREVISTAS PARA O ANO DE 2002

ITÁLIA - PORTUGAL - ISRAEL

Saídas: AGOSTO - 16 dias

Orientador Espiritual: Pe. Jorge Oczkowski

- 1º Dia - ORIGEM / SÃO PAULO / ROMA
- 2º Dia - ROMA
- 3º Dia - ROMA
- 4º Dia - ROMA / ASSIS / ROMA
- 5º Dia - ROMA / TEL AVIV
- 6º Dia - TEL AVIV / JAFFA / CESAREIA / HAIFA / TIBERÍADES
- 7º Dia - TIBERÍADES / GALILÉIA / RIO JORDÃO / TIBERÍADES
- 8º Dia - TIBERÍADES / CANÁ / NAZARÉ / JERICÓ / BETÂNIA / JERUSALÉM
- 9º Dia - JERUSALÉM / BELÉM / JERUSALÉM
- 10º Dia - JERUSALÉM
- 11º Dia - JERUSALÉM / QUMRAN / MASSADA / MAR MORTO
- 12º Dia - MAR MORTO / TEL AVIV
- 13º Dia - TEL AVIV / LISBOA
- 14º Dia - LISBOA
- 15º Dia - LISBOA / FÁTIMA
- 16º Dia - FÁTIMA / LISBOA / SÃO PAULO / ORIGEM



**PLANOS ESPECIAIS PARA PAGAMENTO!!!
CONSULTE-NOS**

Matriz Fpolis - Tel. (48) 223.5597 - Fax. (48) 223.5011
Filial Criciúma - Tel/ Fax (48) 433.4011
Filial Porto Alegre - Tel/ Fax (51) 347.4684
Filial Curitiba - Tel/ Fax (41) 223.2844



O artigo é uma detalhada análise dos esforços empreendidos nas aldeias Guarani situadas no litoral de Santa Catarina, no período entre 1996 e 2000, visando a consecução e garantia de espaços que permitam dar continuidade à sua sobrevivência física e cultural. Na primeira parte, a autora ressalta a importância da palavra/linguagem para o povo Guarani, bem como a vital junção palavra-terra, aprofundando o estreito vínculo entre palavra, religião, mitologia, cosmovisão. Na segunda parte, com o apoio de vasta bibliografia, reflete sobre a palavra concreta de representantes/lideranças Guarani no quadro da atual política de identificação e demarcação de terras no litoral de Santa Catarina. A maior e mais definida reivindicação desses aborígenes é a garantia de terras boas para viver, em conformidade com os preceitos legados pelas divindades e os ensinamentos transmitidos pelos mais velhos e os antepassados, e de acordo também com o slogan formulado por um deles: "Sem terra, nunca pensamos"...

Palavra e Terra

**Reflexões sobre a palavra
falada em Guarani e Português
EM BUSCA DE YVIPORÃ/TEKOA PORÃ
(Terras Boas/Aldeias Boas)
no litoral do Estado de Santa
Catarina**

Maria Dorothea Post Darella

Pesquisadora do Museu Universitário da UFSC e doutoranda em Ciências Sociais/Antropologia da PUC-SP

Artigos



Introdução

O presente artigo¹ objetiva apresentar e refletir sobre depoimentos de índios Guarani, especialmente dos *Mbya*, que traduzem o principal intento das comunidades, qual seja a garantia de terras boas para viver, em conformidade com os preceitos legados pelas divindades e os ensinamentos transmitidos pelos antepassados, os antigos avós. Terras que permitam a vivência do seu modo de ser e viver ou, como afirmam eles, a vivência do *ñandereko/orereko*: nosso sistema. Terras situadas no território tradicional.

A redação se configura em duas partes distintas, embora imbricadas. **A Parte I: Conjunção Palavra — Terra**, procura enfatizar a importância da palavra para os índios Guarani e a vital ligação palavra — terra, bem como, na extensão, abordar o estreito vínculo entre palavra — religião — mitologia - cosmologia. A palavra só podendo existir e se fortalecer a partir da terra. Terra que possa sustentar a palavra e a construção de pessoa. Terra na qual os Guarani possam continuar praticando a palavra e seguir sendo distintos. Terra que permita as práticas para a salvação, a devida preparação para o alcance do paraíso, a superação da condição humana, a existência dos eleitos dos deuses. Para tanto, utilizo fontes bibliográficas que apresentam textos míticos situando a origem da linguagem humana quando da criação da Primeira Terra, bem como análises sobre o poder de sua oralidade, a força e significado de sua linguagem.

A Parte II: Palavras dos índios Guarani objetiva empreender a tarefa de apresentar a palavra falada dos Guarani num quadro que busca a garantia de demarcação de terras indígenas guarani no litoral do Estado. Intento analisar depoimentos/relatos/discursos/pronunciamentos de índios Guarani em ocasiões como conversas pessoais, reuniões, encontros, seminários e grupos de trabalho que registram o pensamento e posicionamento das comunidades em relação à terra. Trata-se de falas que abarcam o período de 1996 a 2000, registrados, documentados e/ou arquivados por mim em momentos variados e que neste momento “visualizam e expressam” um percurso singular e único: uma caminhada que expõe pontos de vista e atitudes crescentemente enfáticas em relação ao direito à terra e à existência étnica e eticamente diferenciada diante de crescentes e ininterruptas interferências da sociedade envolvente.



Quando da seleção e análise do material decorrente desse período de cinco anos, percebo que os índios Guarani aldeados no litoral de Santa Catarina acentuaram na oralidade (e também na escrita) suas convicções relacionadas aos direitos dos índios e aos deveres do Estado, dirigindo-se à sociedade envolvente, e inclusive aos governantes, de modo mais incisivo e firme. Alguns discursos podem, neste sentido, ser categorizados como estratégias de luta (BASINI, 2000).

Devo esclarecer que, apesar de escrever “índios Guarani” de modo genérico, estou versando mais especificamente sobre índios Guarani *Mbya*, sua cosmovisão, suas aldeias e seus relatos. Com exceção da aldeia *YYnn Morotí Wherá* (também denominada M'Biguaçu, situada no município de Biguaçu/SC), com liderança *Ñandeva/Chiripá*, todas as demais aldeias do litoral de Santa Catarina são *mbya*, sendo, portanto, a maior parte dos depoimentos de índios *Mbya*.

O contexto interétnico e geográfico está sendo percebido e analisado pelas comunidades Guarani, requisitando novas respostas por parte das mesmas, bem como dos governos, instituições e entidades. A passividade, o pessimismo, a apatia em relação às instituições da sociedade envolvente, estão paulatinamente dando lugar a atitudes que acentuam rearticulações, novas estratégias de ação, redefinições, aglutinações, mudanças.

Creio que essas novas respostas, ou seja, o advento/existência de um comportamento político externo mais incisivo e enfático, principalmente por parte de lideranças mais jovens, têm claramente o objetivo maior de manutenção do território, ainda que não exclusivo, e nele a consecução/manutenção de terras que possam ser denominadas *tekoa*, que venham a possibilitar a vivência cotidiana de acordo com o seu sistema, bem como a preparação coletiva e individual necessária para o alcance da salvação, da terra sem mal, do paraíso.

Na verdade, não há questões novas neste quadro mais amplo, visto que a farta bibliografia guaranítica menciona a correlação terra-território-língua-religião, bem como a adaptação constante dos Guarani às novas configurações da realidade visando resguardar a sua sociedade. Segundo MONTEIRO (1992: 473), “... os Guarani desenvolveram estratégias próprias que visavam não apenas a mera sobrevivência mas, também, a permanente recriação de sua identidade e de seu ‘modo de ser’, frente a condições progressivamente adversas.” O mesmo autor frisa igualmente que espacialidade e tradição são os grandes eixos do ‘modo de ser’ guarani. Essa mesma bibliografia em geral acentua o objetivo maior dos Guarani: a salvação, a possibilidade de se reunir às divindades, a superação da condição humana e do tempo presente



Trata-se, para os *Mbya*, não somente da salvação da sociedade *mbya*, mas da humanidade. Sendo eles os escolhidos dos deuses nesta Segunda Terra, têm o direito de, transpondo as provas e dificuldades impostas, alcançar a terra onde vigora a perfeição, a imortalidade (*kandire*), a totalidade, a indestrutibilidade, a plenitude (*aguyje*). Buscam a existência junto ao Criador. A comunicação com as divindades se dá através da palavra e a cada novo nascimento advém a certeza que estas ainda não abandonaram seus filhos na Terra. Tratase, portanto, de direitos. Se foram e são eleitos, têm o direito de ascender ao paraíso, de onde são originários, de comunicarem-se com as divindades, cumprindo seus preceitos. Para tanto, necessitam de áreas que ofereçam as condições para a caminhada e a concretização do destino. Entendendo que têm direitos perante os deuses, têm igualmente direitos diante da sociedade nacional e precisam vê-los cumpridos, querendo ser respeitados em seu modo de sentir, ver e viver o mundo. Essas áreas deverão possibilitar a agricultura com sementes próprias (denominadas verdadeiras); a caça, a pesca; a coleta para alimentação, medicamentos, construção de habitações e das casas cerimoniais; utensílios diversos, instrumentos musicais, artesanato etc; o manejo dos recursos florestais, o aprofundamento e a transmissão dos conhecimentos faunísticos e florísticos, bem como o estreitamento das relações com a terra; a sobrevivência física e cultural dos *Mbya*.

Atualmente verifica-se aumento populacional nas aldeias *mbya*, certa restrição à migração, manutenção da endogamia, ocupação prolongada das mesmas famílias extensas nas áreas disponíveis, intensa mobilidade geográfica em razão de visitas, casamentos, trocas e conseqüentemente grande circulação de informações, idéias, propostas, definições, estratégias, numa grande rede existente no território tradicional que se estende do litoral do Rio Grande do Sul ao do Espírito Santo, o interior desses mesmos estados e ainda o Paraguai, Misiones/Argentina e o Uruguai. Essas estratégias abarcam o Mato Grosso do Sul, visto que os *Mbya* estão dispostos a aprender com as experiências fundiárias dos *Kaiova*, conforme ocorreu na *Nemboaty Guasu Guarani*, ocorrida de 05 a 09.11.99 na aldeia de Massiambu (Palhoça/SC).

A Parte II, portanto, apresenta posicionamentos de lideranças/representantes Guarani no que se refere à questão fundiária no litoral do Estado de Santa Catarina. Nela busco empreender uma análise da expressão oral, pois que demonstra o falar-se, o dizer-se, o expor-se. Cabe à sociedade envolvente saber ouvir, ler e sobretudo entender, respeitar e atuar de conformidade.

Não é minha intenção analisar como os índios Guarani estão se percebendo nesse processo no tempo e no espaço. Não é meu objetivo analisar que categorias ou classes de representações estão sendo utilizadas



para se perceberem, compreenderem a realidade ou ainda as políticas públicas, projetos, trabalhos, interferências dos não-índios nas aldeias. Não procuro perscrutar a respeito da auto-imagem dos índios nesse processo. Minha percepção é a de que há sentido e razão nas novas atitudes.

1. Parte I: A conjunção palavra – Terra

A bibliografia etnográfica sobre os Guarani acentua o intrínseco significado e simbologia da **palavra** no âmago dessa sociedade indígena. De acordo com MELIÀ (1995), estamos diante da cultura da palavra, posto que a palavra é o todo para o Guarani. Esse entendimento é possível a partir dos trabalhos que Curt Nimuendaju no Brasil e Leon Cadogan no Paraguai realizaram neste século com os *Apapokuva* e os *Mbya* respectivamente. Ambos, segundo Melià, souberam registrar a palavra religiosa dessa sociedade, desenvolveram a etnografia da palavra guarani, nos aproximaram de relatos os mais importantes e significativos para a compreensão do modo de pensar guarani, do que se poderia denominar de religião guarani.

Viveiros de Castro, no texto *Nimuendaju e os Guarani*, publicado no livro de NIMUENDAJU (1987) retoma estudiosos dos temas relacionados aos índios Guarani, como Egon Schaden e Hélène Clastres, reafirmando a importância de suas análises: a de que a alma é a chave do sistema religioso guarani e de que a pessoa se encontra num lugar entre o animal e o divino, podendo superar a condição humana de modo radical.

Se a palavra é o todo e a alma o centro do sistema religioso guarani, funda-se a concepção **palavra-alma**, que tem ligação com a esfera celeste e divina, que faz a relação dos humanos com o céu e as divindades. Assim, a língua é compreendida como o *iocus* da “preservação do ser” Guarani, segundo Viveiros de Castro (*Ibidem*).

Essa palavra humana é *ñe'e* ou *ayvu*² e sua invocação primordial está diretamente relacionada à criação e ao Criador. As palavras para a comunicação com *Ñanderu* e os deuses por ele engendrados, *Jakaira Ru Ete*, *Karai Ru Ete* e *Tupã Ru Ete*³ e suas respectivas esposas (divindades denominadas de *Ñe'eng Ru Ete*, pais verdadeiros' das palavras-alma) são as palavras dignas de serem pronunciadas e ouvidas. São as *ayvu porã tenonde* (Cadogan), as *ñe'e porã tenonde* (Schaden), as “belas palavras” (Hélène e Pierre Clastres, Ladeira), as “divinas palavras” (Litaiff), as “belas primeras palabras” (Melià), as “palavras inspiradas” (Garlet), as “palavras sagradas” (Chamorro), as “verdadeiras palavras” (H.Clastres). Essas palavras, no dizer de H.Clastres, são a linguagem comum a homens e deuses, compõem-se de um vocabulário exclusivamente religioso. As palavras são metáforas e a



linguagem é uma metalinguagem. Essas palavras são sonhadas, entoadas, cantadas, dançadas.

Vejam os contribuições de autores como Cadogan, Melià, P.Clastres, H.Clastres, Nimuendaju, Ferreira Netto, Montardo, Schaden, Litaiff, Chamorro, Ladeira, Garlet, Capaccio, Gamba, Ciccarone, Torres, Almeida e Bartolomé quanto ao entendimento/significado da PALAVRA na sociedade guarani, independentemente dos resultados terem sido abstraídos de pesquisas desenvolvidas com os três subgrupos Guarani (*Mbya*, *Ñandeva/Chiripá* e *Kaiova*), no Brasil, Paraguai ou Argentina. Pretendo apontar semelhanças, complementaridades, dados divergentes, na tentativa de apresentar um quadro mais amplo para posterior reflexão de dados comuns, básicos e essenciais, com o objetivo de compor o embasamento para a compreensão do sentido atual da ligação dos conceitos **palavra** — **terra** nas aldeias *mbya* situadas no litoral de Santa Catarina.

Na obra *Ayyu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá del Guairá* (1992), CADOGAN apresenta a razão da importância da palavra a partir da cosmogonia *mbya*: das trevas e ventos surgiu *Ñande Ru Tenonde/Ñamandu Ru Ete* (Nosso Pai Primeiro/O Criador) que, antes de fazer existir a terra, concebeu a origem da linguagem humana e a fez parte de sua própria divindade. Após esse ato, refletiu sobre quem fazer participe de sua criação, concebendo aqueles que seriam companheiros de sua divindade antes da existência da terra, entendendo que a palavra necessariamente deve conter sabedoria. Criou então o pai dos futuros filhos denominado “*Ñamandu* de coração grande” e na continuação, o verdadeiro pai dos futuros *Karai*, *Jakaira* e *Tupã*. Criou assim os verdadeiros pais dos futuros filhos, os verdadeiros pais das palavras-alma, repartindo consciência da divindade. Fez também conhecedoras da divindade as futuras verdadeiras mães dos *Karai*, *Jakaira* e *Tupã*, que assimilaram a sabedoria divina de seu primeiro Pai. São chamados como os verdadeiros pais e mães das palavras-alma de origem divina.

A seguir, o criador engendrou a Primeira Terra (*Yvy Tenonde*) e inspirou o canto sagrado do homem e da mulher aos verdadeiros primeiros pais de seus filhos e mães de suas filhas, para que prosperassem aqueles que se ergueriam em grande número na Terra. O envio à Terra de almas para encarnar-se, possibilitou, desta forma, a criação da humanidade. O nascimento de um novo ser possibilita o envio à Terra de uma palavra-alma boa para que se encarne, que deve tomar assento. Trata-se de um filho de *Ñanderu* que deve se erguer na morada terrena.

Após a destruição da Primeira Terra pelo dilúvio, deu-se a criação da Nova Terra (*Yvy Pyau*) e o retorno do Criador ao paraíso. Nessa nova Terra,



Jakaira Ru Ete se dispôs a criar para si a futura morada terrena, a pedido do Criador, dando origem à “neblina vivificante” (proveniente do tabaco e cachimbo) que significaria, dentre outros, a purificação e a defesa contra as enfermidades. A nova Terra seria o lugar de provas para a humanidade que teria de transpô-las para alcançar novamente o lugar de origem.

Cadogan, a partir dos relatos de alguns índios *Mbya* do Paraguai, encerra essa primeira parte que intitula “anais religiosos dos *Mbya*”, passando a expor o mito dos gêmeos e outras narrativas. Para o autor, o capítulo “O fundamento da linguagem humana” encerra o mais importante da religião guarani. Melià afirma que Cadogan adivinhou a importância da etnobotânica e da etnozologia para fazer etnografia guarani, na qual árvore e palavra apareciam cada dia mais como fundamentos a partir dos quais se organiza um sistema de significação. (*Idem*, p. 5) Cadogan escreveu o livro *Ywyrá Ñe’ery. Fluye del árbol la palabra* (1971) no qual descreve a importância do cedro (*ygary*), cujo nome religioso é *Ywyrá Ñamandu*, a árvore do Criador⁴. O capítulo de seu livro dedicado especificamente ao cedro (*Cedrela fissilis*) denomina-se *Ywyrá Ne’ery — Los árboles de la Palabra-alma*, no qual o *Mbya* Alberto Medina relata ser o cedro o áureo instrumento que faz fluir a palavra aos que sabem escutar. Cadogan expressa que a partir do relato entende-se que o cedro foi criado pelos deuses da Primeira Terra.

P.CLASTRES (1990), a partir de Nimuendaju, André Thevet e Cadogan, além de suas próprias fontes etnográficas, coletadas no Paraguai na década de 60, explicita que as “belas palavras” dirigidas aos deuses são pronunciadas pelos homens, que se afirmam depositários absolutos do humano, dos homens verdadeiros, dos eleitos, dos marcados pelo sinal do divino. São palavras emergidas do desejo de transcendência da condição humana, da transformação em deuses. Palavras pertencentes a uma linguagem de desejo da supra-humanidade, da lembrança sempre reiterada de serem verdadeiramente os eleitos dos divinos. A palavra é a essência do humano, é o signo e a substância do homem. Situada no coração da divindade, a palavra significa o elo entre homens e deuses. Essa relação se mantém através da Palavra, ou seja, as “belas palavras” são o fluxo que une os humanos e os divinos.

P.Clastres afirma que *ñe’e* constitui o humano como pessoa e que com o nascimento sai dos deuses, passando a habitar o corpo. A nova pessoa passa a ser habitada e vivificada por uma parcela de *ayvu*, a linguagem, sua alma. Assim, o corpo que vai nascer passa a ter aptidão para receber uma pequena parte da substância divina. O nome escolhido pelos deuses transforma o indivíduo em um ser vivo, cabendo ao sacerdote ler/descobrir e dizer o nome enviado e nessa tarefa não pode cometer erros, já que busca a identidade da pessoa. Para Clastres, as crianças constituem uma mediação entre os adultos



e os deuses, sendo o nome a marca e o sinal do divino sobre o corpo.

Na interpretação do autor, o fim da primeira terra significou a disjunção entre o humano e o divino, acarretou o nascimento da humanidade. Consumou-se “a explosão do Um”, sendo que além da fronteira permanecem os deuses. A separação, o obstáculo, a ruptura são simbolizadas pela grande água, o mar. Deste lado, na terra atual, os humanos vivem numa terra feia, imperfeita, má, corrompida, perecível. Do outro lado encontra-se a terra sem mal (*yvy marã'ey*), indestrutível, eterna, perfeita, a terra que simboliza a primeira terra e a próxima terra. “*E todo o esforço dos homens consistirá em tentar abolir essa separação, em tentar transpor esse espaço infinito que os mantêm afastados dos deuses: migração religiosa, jejuns, danças, preces, meditações...*” (p.60)

P.Clastres entende que os gêmeos (*Kuaray e Jacy* — Sol e Lua) humanizaram o mundo, a nova terra, conseguindo transpor as provas e obstáculos, reencontrando o Pai/Criador e habitando por toda a eternidade seu firmamento. Daí a pergunta norteadora: Se ambos o conseguiram, por que os Guarani também não o conseguiriam? “*E o apelo a esta lembrança da 'bela morada' que conheceram, na idade de ouro, os habitantes da primeira terra, ressoa como a promessa de que em um tempo futuro os homens saberão reencontrar o caminho de sua terra natal*” (p. 114)

Com a morte, a alma retorna à morada das divindades, a palavra-alma retorna ao seu lugar de origem, reiterando aos deuses o apelo de fazerem ouvir as suas vozes.

NIMUENDAJU (1987) já em 1914 escreve sobre a existência da alma-nome e a importância da correta identificação da procedência da alma na cerimônia de nomeação das crianças. É dele a expressão de que o Guarani não tem um nome, mas sim de que ele é o nome. Viveiros de Castro (*Idem*) explicita que Nimuendaju introduz o tema da terra sem mal e que seu ensaio sugere que o plano religioso é o lugar do sentido na sociedade guarani.

MELIÁ (1995: 33) explica que o mais importante da filosofia guarani da palavra talvez seja a convicção de que a alma não se dá inteiramente feita, mas se faz com a vida da pessoa, e o modo de seu fazer-se é seu dizer-se. Desta forma, a história do Guarani é a história de sua palavra, a série de palavras que formam o hino de sua vida. Para o autor, a riqueza dos índios Guarani é(são) o(s) canto(s) que cada qual possui. Morre o corpo, mas não a palavra. Em outro texto, MELIÁ (1990: 39) informa que tanto há a concepção da Terra perfeita, quanto a consciência aguda da instabilidade desta Terra, sustentada sobre um ponto de apoio que a qualquer momento pode cair. Segundo ele, fragilidade, instabilidade e destruição estão sempre no horizonte



do mundo guarani, sendo que a oração cantada e dançada se faz necessária para assegurar o sustentáculo do mundo.

De acordo com FERREIRA NETTO (1994), cada pessoa possui suas próprias rezas (*porahêi*), recebidas pessoalmente em sonho de algum espírito protetor e realizadas nas aldeias, fazendo parte das cerimônias coletivas. As narrativas realizam-se por meio dessas rezas, sendo elas um dos meios pelos quais se poderá controlar a própria conduta. A participação de cada indivíduo nas manifestações coletivas é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e do grupo, significando o controle das emoções pessoais, o aprendizado da fala e demais atividades. Segundo o autor, os Guarani da aldeia do Rio Silveira (São Sebastião/Bertiogal, SP) têm o *ayvu* como centro de suas concepções sobre o ser humano, o seu princípio regulador. A criança nasce desprovida do *ayvu*, adquirindo-o quando da nomeação, devendo mantê-lo sempre forte participando das rezas. Esse fortalecimento pode ser realizado pela dança (*jerok*), pela aspersão da fumaça do cachimbo (*petyngué*), pelo recebimento dos cantos (*poraí*) em sonhos ou outras ocasiões, pela aquisição de conhecimento, a partir de leituras, viagens, narrativas contadas, sonhos etc. Para o autor, “... além da língua, o *ayvu* representa todo o poder de conhecimento do indivíduo.” (p. 18)

O ritual xamanístico de canto e dança denominado *jeroky* ou *purahéi*, realizado cotidianamente após o pôr-do-sol, é analisado por MONTARDO (2001: 2) “como o percorrer dos caminhos que levam às aldeias divinas e ao encontro com as divindades”. Os rituais noturnos, para a autora, objetivam “a continuidade da manutenção das condições de vida na Terra.”

A partir de pesquisa realizada na aldeia Sapukai (Bracuí/Angra dos Reis/RJ), Litaiff (1996) conclui ser a língua importante fator de etnicidade e preservação da cultura *mbya*. Sobre *ayvu rapyta* ou a linguagem ritual, o idioma secreto para a comunicação com os deuses, Litaiff comenta: “*Alguns Mbyá de Bracuí declararam utilizar entre eles uma linguagem ritual para 'falar com Deus'. Trata-se de uma linguagem especial, 'como uma poesia'*” (p. 54)

CHAMORRO (1998) identifica que os Guarani *Kaiová* são portadores de uma cultura centrada no conceito-existência “palavra”, base de sua experiência antropológica, cosmológica e teológica. A categoria palavra é a unidade mais densa que explica como se trama o modo de ser guarani. Desta forma, palavra-alma significa que cada pessoa é uma encarnação da palavra. Para a autora, *ñembo'e* é traduzido por reza, pronúncia de palavras sagradas, tanto que rezar é tornar-se palavra. O Guarani — sua cultura — se situaria entre o animal (natureza) e o divino (sobrenatureza), tentando sempre a



superação de sua condição humana para alcançar a de divino. A nova humanidade, segundo Chamorro, tem requerido as virtudes da primeira humanidade, a dos humano-divinos, sendo que a redenção só poderá ocorrer com o retorno à unidade de origem. “A restituição da totalidade teleológica se faz por intermédio da Palavra.” (p.149) O objetivo é superar a animalidade, adquirir a divindade, erguer-se pela palavra, atingir a salvação, ou seja, restaurar os atributos divinos nos seres humanos, que invocam moderação, boa palavra, luz, resplandecência, transparência.

Para que uma nova ordem possa ser inaugurada, é imprescindível haver o aperfeiçoamento da palavra que deverá ocorrer, não individual ou isoladamente, mas comunitariamente. A palavra se ergue através das rezas, cantos e danças, num exercício tanto individual quanto coletivo, ainda que a leveza e a perfeição (*aguyje*) possam ser alcançadas apenas pessoalmente.

Schaden (1974) esclarece que as rezas (*porahei*) são individuais e enviadas por sonho pelas divindades, sendo traço da união entre o mundo dos vivos e o sobrenatural, a comunicação com o além, o que de mais valioso um indivíduo possui. O pensar, o sentir e o agir dos Guaraní são determinados pelo pavor da iminente destruição do mundo e pela esperança de refúgio no paraíso, sendo que a redenção/salvação é a idéia em torno da qual gravita toda a religiosidade guarani. O paraíso é sinônimo de bem-aventurança, perfeição física e espiritual, vitória, felicidade, vida em comunhão espiritual com as divindades, segurança. Segundo o autor, o mito do paraíso desempenha papel mais importante entre os *Mbya*. O paraíso continua sendo objetivo a ser buscado.

Capaccio (RAMOS, RAMOS & MARTÍNEZ, 1984) escreve a nota preliminar do livro *El canto resplandeciente. Ayvu rendy vera*, composto de orações/cantos de alguns índios *Mbya* de Misiones/Argentina. Nela diz que, unicamente num mundo armado de palavras, os *Mbya* encontram um lugar onde reinar. Dispersos e paupérrimos, encontram esse espaço que gera o canto, situado a meio caminho entre o ar e a terra, de propriedade indiscutível. Os cantos resplandecentes, nascidos de um povo que não possui outra coisa que as palavras, talvez sejam uma chave para descobrir novas formas de entendimento. (p.8 e 9)

O prólogo do mesmo livro, de autoria de Gamba, enfatiza que os *Mbya* são portadores da palavra primogênita e que cantores como os *Mbya* “portadores” das orações — Benito Ramos, Lorenzo Ramos e Antonio Martínez — estão diretamente inspirados pelos deuses. Dizia Lorenzo Ramos ao autor que é possível que esses homens e mulheres esfarrapados, doentes, abúlicos, desdentados, alcoolizados, estejam tão transitados de vivências



místicas, que unem a morada terrena imperfeita com o paraíso dos deuses. Sua linguagem se converte em uma linguagem sagrada, que expressa a vontade de alcançar o além da morte. (p.13)

De acordo com LADEIRA (1990, 1992), os *Mbya* afirmam serem seres especiais gerados em primeiro lugar por *Nanderu*, sendo a eles revelada a mensagem divina. A alma de cada pessoa é proveniente de uma das regiões celestes (cardeais), onde moram os pais das almas que regem o mundo *mbya*. Se os *Mbya* desaparecerem da Terra, o mundo acaba e a sua sobrevivência depende do empenho coletivo, da realização individual para alcançar *yvy maraey*, a terra sem mal. Desenvolvimento e aprimoramento pessoal passam pelo aperfeiçoamento do discurso oral e dos sonhos. Para a autora, a retórica tem lugar de destaque, e o conhecimento das “belas palavras”, base dos ensinamentos, é o atributo mais desejado.

Ladeira acentua a importância do passado para os *Mbya*, o tempo dos “irmãos mais velhos”, “dos antigos”, “dos avós” que caminharam pela beirada do mundo (litoral), descobrindo e “fundando/humanizando” novos lugares, dando-lhes nomes correspondentes principalmente às características geográficas, bem como da fauna ou flora, o que conhecemos como topônimos. Percebo nas aldeias que os topônimos guarani são concretamente reconhecidos, persistindo a característica de assim nomear novos locais de ocupação.

CICCARONE (1996), durante suas pesquisas, ouviu narrativas de índios *Mbya* do grupo familiar de *Tatati*, influente líder espiritual feminina de *Teko Porã* (aldeia situada no Espírito Santo), que migrou do oeste do Rio Grande do Sul até o leste do Espírito Santo num período de tempo que abrange quase três décadas. Na Introdução do livro *Revelações sobre a terra. A memória viva dos Guaraní*, escreve que a palavra, dádiva divina, dá sentido à existência. Através do seu exercício e culto, o ser humano se aperfeiçoa.

GARLET (1997), a partir de suas pesquisas entre os *Mbya* aldeados principalmente no Rio Grande do Sul, conclui estarem no mundo apenas “de passagem”, numa peregrinação terrena, que significa esforço para o aperfeiçoamento da existência. “Atingir o estágio de perfeição é o ideal de vida do *Mbyá*.” (p. 146) Homens e mulheres atingiram a plenitude, trasladaram-se ao paraíso e tornaram-se heróis divinizados. Esses exemplos denotam que esforço, perseverança, respeito às normas e dedicação aos exercícios espirituais são a via para alcançar o bom costume, a perfeição (*teko porã, aguyje*). Não obstante, para que o ideal possa ser buscado, é necessário haver o lugar, a terra, o espaço geográfico no qual a palavra tenha valor, pois a palavra sem espaço não possui poder. De acordo com o autor, a palavra se apóia na terra, existindo a ligação entre *ñe'ë* (palavra-alma) e *teko'a*



(sustentáculo da *ñe'ë*), a relação pessoa — espaço. O que faz imediatamente lembrar das palavras de Meliã: “... *sem tekoha não há teko.*” (1990: 36)

Garlet salienta que as gerações atuais são as guardiãs da memória do passado, que deve ser preservado para o futuro. Também aqui se faz perceptível a importância do tempo passado e o do futuro, sendo o presente um elo sempre transitório, frágil, no qual pode ocorrer a destruição, mas no qual necessariamente devem ser buscadas as condições para a comunidade, a reciprocidade, a boa conduta social, a solidariedade, a afetividade, devendo ocorrer, enfim, a transposição para o ideal sonhado e prometido.

H.CLASTRES (1978), por sua vez, afirma que a crença, o pensamento e a prática, em torno da terra sem mal, existem desde tempos anteriores à conquista, derivando da convicção da nova destruição da terra. O tema da destruição da terra - a catástrofe - está, pois, diretamente articulado com a terra sem mal - a salvação. Essa terra sem mal é um lugar privilegiado, indestrutível, em que a terra produz por si mesma os seus frutos, havendo abundância, opulência e lazeres infinitos, onde não há necessidade de trabalho, regras de casamento, proibições e morte. Nela reside a possibilidade de serem os homens seus próprios deuses. Nela é possível viver a contra-ordem da sociedade. Na terra atual, os xamãs são os mediadores entre o ser humano e a sobrenatureza, e a fumaça do tabaco é o meio de comunicação com o sobrenatural, o meio de comunicação privilegiado entre homens e deuses, o alimento da alma-palavra, a fonte de vida e sabedoria. A palavra, a alma, a palavra-alma é o que mantém a pessoa de pé, erguida. A alma no sentido vital é o sopro que anima e mantém ereto. Através da palavra o ser humano participa da divindade.

As “belas palavras” não têm começo, estão sempre continuando algo. Parecem indicar que perguntas e respostas são impossíveis. Os tempos estão no passado e no futuro, o presente é sempre o tempo da negação. Assim como H.Clastres, também Chamorro reflete sobre a questão da temporalidade, fazendo lembrar a importância dos tempos e ensinamentos “dos antigos avós” e o tempo do porvir, no qual os *Mbya* voltarão a viver da forma como os próprios deuses nunca deixaram de viver.

H.Clastres sublinha o firme propósito e obsessão dos *Mbya* (mbiás) em adquirir *aguyje* (perfeição, plenitude) para alcançar *kandire* (imortalidade). Como, pois, se comportar para se tornar perfeito e pleno, para então poder empreender a viagem para o leste, o paraíso? Para ascender à terra sem mal é preciso cantar, rezar, jejuar, fazer dieta e dançar (visando a obtenção da leveza do corpo); perseverar; ter coragem e força espiritual; meditar e praticar exercícios espirituais; aniquilar dentro de si a má natureza; fazer prevalecer a



alma-palavra; respeitar as leis e preceitos, o que inclui caminhar, viver o sistema de comunidade, solidariedade e reciprocidade.

TORRES (1987) aponta que a esperança dos Guarani é conseguir chegar à terra sem males antes da nova destruição do mundo, reafirmando que o canto (*purahéi*), a dança (*jeroky*) e as rezas coletivas e individuais são o caminho para o paraíso que é fundado na bem-aventurança, perfeição, segurança, vivência em comunidade com as divindades, terra fértil, caça abundante. É o lugar onde se pode viver de acordo com os costumes, onde não há sofrimentos, dissabores, pobreza, enfermidades, pragas ou morte.

ALMEIDA (1995) indica claramente que a cultura guarani possui três elementos constitutivos, quais sejam: a palavra ou linguagem (*ñe'e*), os ancestrais mitológicos (*tamõi*) e o ‘modo de ser’ ou comportamento social (*teko*). Esses elementos “constituem uma espécie de fio condutor, ilustram e orientam o comportamento social e as articulações das estruturas do sistema organizativo Guarani frente às variadas situações sociais vividas, orientando as mudanças.”

BARTOLOMÉ (1977) igualmente observa que palavra e alma são sinônimos, sendo a primeira alma, a palavra-alma divina e a segunda alma, a alma animal, terrena, negativa. Indica que algumas parciais Guarani mencionam a existência de uma terceira alma. Escreve sobre o que ouviu a respeito da terra sem mal: lugar de abundância e prosperidade, no qual se realizam excelentes colheitas; lugar onde não há preocupação com o futuro, no qual existe a imortalidade. Para alcançá-la fazem-se necessários exercícios espirituais, dieta, cumprimento dos rituais e normas, atos dos quais procederá a leveza, a perfeição espiritual (*aguyjé*) e a imortalidade (*kandire*). A terra sem mal, objetivo e meta final, será então alcançada após o vôo sobre o mar (*Pará Guazú Rapyta*). Afirma que para os *Nandeva*, a possibilidade de um novo cataclismo cresce dia a dia.

Dos aspectos mencionados e questões apresentadas, ater-me-ei a alguns pontos, praticamente comuns a todos os autores supra citados, que reafirmam o embasamento para a ligação com a realidade presente nas aldeias do litoral de Santa Catarina:

- A linguagem humana é o fundamento, a origem, e foi criada por *Ñanderu Ete Tenonde* (Nosso Pai Verdadeiro Primeiro) antes mesmo da formação da Primeira Terra. Repassada aos pais das palavras-alma e destes aos seus filhos e filhas, significa o elo de ligação entre os primeiros eleitos — os Guarani, descendentes dos moradores dessa Primeira Terra — e as divindades, que ocupam o além, o paraíso eterno.



- A palavra/linguagem, os antepassados e o ‘modo de ser’ sustentam e guiam as formas de organização social quando das situações novas, incluindo as ocupações.

- As “belas palavras” são sonhadas, pronunciadas, cantadas, rezadas, dançadas, ritualizadas, exercitadas com o intuito de dirigir-se aos deuses, de comunicar-se com a sobrenatureza.

- Cada nascimento de um Guarani expressa a encarnação da palavra, o fortalecimento desta Terra, o não abandono pelos deuses, a reafirmação da possibilidade de alcançar a terra sem mal e de união com o Criador. Cada nomeação reitera o envio à Terra de uma palavra-alma boa para compor e equilibrar a coletividade. Um Guarani não possui um nome, ele é o seu nome.

- Existe a possibilidade sempre iminente de que uma nova destruição da Terra ocorra antes mesmo de se alcançar a perfeição, a imortalidade, a eternidade.

- Existe o ideal de retornar às origens, de unir-se a *Ñanderu*, de superar a condição humana e adquirir a divindade, de tornar-se novamente primeira humanidade através da palavra.

- Existe o desejo de praticar os exercícios para a salvação, cumprir os preceitos dos antepassados, adquirir leveza, aperfeiçoar ininterruptamente a palavra, o que somente é possível em áreas propícias. Assim, palavra e terra são imanentes, estão contidos e se contêm. Estão amalgamados.

- Ocorre cotidianamente o uso do tabaco/cachimbo e do fogo, fundamentais para a “tomada de assento” na morada terrena, na ritualização e empenho da palavra.

- A influência do tempo passado e o crédito ao tempo futuro fazem do tempo presente uma passagem que pretende ser fugidia e frágil. O presente existe apenas tal como deveria ser no passado e em função do futuro. No futuro há a possibilidade de retorno ao passado, a plenitude.

2. Parte II: Palavras dos Índios Guarani

Início esta parte me valendo de contribuições bibliográficas de Garlet, Ladeira, Melià e Chamorro, com o intuito de construir pontes entre o ideal e o real, o sonhado e o possível, a esfera celeste e a terrestre, as vivências noturnas e diurnas dos Guarani, visando compreender e esboçar o seu



comportamento com referência ao mundo dos brancos e aos seus direitos, dos quais são parcialmente conhecedores e que lhes são inalienáveis.

GARLET (1997) percebe que o contato interétnico exigiu e exige novas soluções dos Guarani, a partir da estrutura, que é reelaborada a partir do evento, que pode ser o redimensionamento e fracionamento territorial. E as novas respostas podem ser tanto a aceitação e objetivação da atual necessidade de demarcação de terras³, a maior visibilidade e inserção política, como os pronunciamentos públicos e os documentos escritos.

Os *Mbya* visam ardentemente espaços que conjuguem mata preservada e água potável, solos férteis para o plantio de sementes verdadeiras, proximidade com o oceano. “*Entendem que, ao buscá-los, não estão pedindo um favor aos brancos, mas exigindo um direito sagrado, uma vez que ao engendrar a terra Nanderu Tenondegua destinou-a aos Mbya. Habitar as matas e usufruir das suas riquezas não é apenas um direito que lhes toca, mas um dever a&~unzido perante as divindades.*” (GARLET, 1997: 55) Não obstante, esse entendimento dista radicalmente do comportamento humilde e passivo observado em vários locais de ocupação.

Garlet defende que devem ser demarcados todos os espaços concernentes aos *Mbya*: os ideais (sonhados e reconhecidos como indicação de *Ñanderu*), os possíveis e aqueles ocupados como resultado de premência e imediatismo (locais de beira de estrada etc.). Pondera que para a palavra do chefe ter força, tem que ter *tekoa* e entende que a fragmentação territorial trouxe em seu bojo a divisão da palavra e da autoridade. Segundo ele, verifica-se hoje a existência de muitas palavras, que dificilmente se tornarão novamente uníssonas (p. 136). É certo que se verificam disputas de autoridade e de verdades, assim como há diferenças marcantes de encaminhamento do cotidiano nas aldeias, a partir das palavras, orientações e atitudes das lideranças. Por outro lado, verifico que em relação à demarcação de terras, os posicionamentos e as indicações têm sido uníssonos no sentido da intensificação dos esforços para sua concretização, havendo maior contundência (e impaciência) entre as lideranças mais jovens. Enquanto isso, os dirigentes espirituais continuam sonhando e, em tempo certo, apontarão as terras indicadas para que igualmente se proceda à regularização e sua conseqüente garantia.

É oportuno pensar que atualmente muitas famílias extensas têm permanecido por um período de tempo maior nos espaços físicos, mesmo quando pequenos, carentes de regularização, próximos ou à beira de rodovias, sem mata condizente, ao contrário do que ocorria em épocas passadas e do



que apontam as pesquisas arqueológicas. No litoral de Santa Catarina existem atualmente as aldeias: *Tekoa Marangatu* (Imaruí), Massiambu, Morro dos Cavalos (Palhoça), *M'Biguaçu* (Biguaçu), *Tekoa Tarumã*, Piraí/Tiaraju, *Pindoty*, Jabuticabeira, *Biritiba*, Ilha do Mel (Araquari/SC), Araçá/Figueira, Laranjeiras/Morro Alto (São Francisco do Sul) e Rio Bonito (Joinville). Nos municípios de Guaramirim e Barra, Velha/Piçarras vivem algumas famílias desaldeadas.

Creio estarmos diante do que, na expressão de LADEIRA (1992), vem a ser o “*recriar e recuperar a tradição num novo lugar*”. O *tekoa* como sendo o lugar novo à semelhança do mundo original. Seu aprimoramento possibilitando a recuperação das condições físicas e sociais que o transformam em *yvy apy* (lugares criados no início do mundo para os *Mbya*, situados à beira do oceano). Para tanto, se faz necessário o empenho coletivo, relacionado com a origem da alma dos integrantes de cada família e do *tekoa* como um todo. Para tanto, é igualmente fundamental que as regiões celestes e os pais das almas estejam representados através dos nomes-alma que enviam, possibilitando o equilíbrio do espaço habitado.

Neste artigo apresento diversos depoimentos de índios Guarani durante um período de cinco anos em foros públicos ou conversas particulares. Neste sentido, há que se recordar que os mesmos já foram mencionados como bons artesãos da escrita no período colonial, a partir da educação literária praticada nas Missões. MELIÀ (1995: 22-3) diz que muito ainda há para ser analisado na literatura guarani e que escritos de caráter político-administrativo infelizmente “dormem nos arquivos”. Informa que um primeiro conjunto de documentos dessa espécie é relativo ao Tratado de Madri (1750), sendo que mais de quarenta documentos são sobretudo cartas de protesto e de súplica. Afirma que os escritos refletem notável sentido crítico da realidade, possuem visão altamente política, além de qualidades literárias.

De conformidade com Melià, a escrita em língua guarani foi utilizada como um instrumento do discurso político e de liberação em novas situações de opressão e também propiciou o envio de mensagens e notícias entre os índios. Em guarani igualmente se redigiram documentos oficiais.

CHAMORRO (1998) cita o trabalho de Dayse Ardanaz, que levantou 24 movimentos de contestação de caráter religioso entre 1545 e 1660. Segundo Chamorro, na história do Rio da Prata os *karai* — donos da palavra — possuíam o poder do discurso que desestabilizava. As frases: “*O profeta guarani soube interpretar o perigo de cada tempo e reagiu, pontualmente, contra ele.*” (p. 59) e “*... a palavra profética guarani é ao mesmo tempo fiel*



à tradição e aberta à inovação.” (p. 87), se configuram neste trabalho. É possível dizer que a partir da segunda metade da década de 90, no litoral de Santa Catarina, se verificou um quadro de reação crescente à situação vigente, qual seja, a de falta de demarcação de terras no território tradicional. Entretanto, ao contrário do que afirma Chamorro, de que os líderes religiosos não têm engajamento explícito nas questões temporais, percebo que eles têm influenciado diretamente os posicionamentos políticos externos e os encaminhamentos efetivados.

Nesta segunda parte do artigo, reflito sobre a fala de quinze índios Guarani de diferentes idades, sendo a grande maioria *Mbya*. O maior número de pronunciamentos deu-se em língua portuguesa, sendo que apenas dois ocorreram em guarani, tendo sido “traduzidos” por parentes anteriormente escolhidos. Mas, é saudável indagar: quem está falando e em nome de quem o faz? Das quinze “vozes”, quatorze são masculinas e uma é feminina: pessoas que são líderes religiosos e/ou políticos; representantes das aldeias participantes dos eventos por razões de momento, escolha consensual, possibilidade, vontade, disposição, autoridade. Há o “expor-se” em conversa particular ou em reuniões públicas, diretamente vinculado com o momento vivido nas aldeias, com as dificuldades sentidas, com a visão de futuro. Os Guarani percebem nitidamente que estão premidos pela devastação ambiental acelerada, que vivem num tempo praticamente último para reivindicar terras no litoral que possuam requisitos ecológicos básicos, imprescindíveis à sustentação do seu modo de ser.

Passo, assim, a explanar alguns discursos, aglutinando-os primeiramente e analisando-os posteriormente, entendendo que no atual contexto social, político e geográfico, a formação de novas aldeias guarani por si só já inscreve uma nova história no litoral deste Estado a partir da década de 80. Algumas lideranças aparecem aqui com mais de um pronunciamento, tendo sido escolhidos trechos de depoimentos de: Benito Oliveira, João Paulo Mariano, Timóteo de Oliveira, Alcindo Moreira, Darci Lino Gimenez, Milton Moreira, Felipe Oscar Brissuela, Augusto da Silva, Artur Benite, Leonardo da Silva Gonçalves, Manoel da Silva *Wherá*, Claudiomir Thibes, Júlio da Silva, Maria Guimarães e Maurício da Silva Gonçalves. Com exceção de Felipe Oscar Brissuela, todos os depoimentos foram registrados em Santa Catarina.

3. Depoimentos

Trechos do depoimento de Benito Oliveira, casado com Etelvina Gonzalez. Benito, com cerca de 80 anos, é liderança religiosa que atualmente



vive na Ilha do Mel (Araquari/SC). Este depoimento foi externado em língua guarani para Maria Dorothea Post Darella quando dos trabalhos de campo do grupo técnico da FUNAI (Convênio DNERJFUNAI — BR 101) para identificação de terras. Sua “tradução” foi efetivada por João Paulo Mariano, genro de Benito. Data: 18.08.98. Local: Tapera (nas proximidades do lixão da cidade) - São Francisco do Sul/SC.

Bom, vou dizer pra vocês entender, o que o Benito quis explicar pra vocês, pra vocês ouvir e talvez pra vocês levar pra outro lugar ou pra Brasília, aí então ele explicou assim: por que eles, como a Etelvina, todos eles, são os mais velhos, os mais antigos. Então, eles vieram de lá de Argentina, não é por motivo nada, já que eles, o pai do Benito, a mãe do Benito, a mãe, o pai da Etelvina, a mãe da Etelvina, então eles não conhecia a cidade. E eles criaram esses, os filhos deles. O Benito que vinha, então ele explicou assim, que eles vêm pela atrás, como os pais deles já morreram todos, então ele deixou umas palavras pra eles, pra eles guardar na cabeça e pra seguir o que eles tão dizendo pros filhos de/es. Então, eles até agora, vamos dizer, e eu, o Benito não conhecia as comidas dos brancos. Não comia sal, não comia arroz, não conhecia nada de cidade. Mas agora, como diz ele, ele diz assim, ele já experimentou tudo e que já comeu um pouco. Experimentou comer sal, experimentou comer feijão, arroz. Então, assim mesmo, já eles não querem viver esse sistema dos brancos. Eles não querem perder o sistema deles, quer dizer, o costume de/es. O sistema dos Guarani não querem deixar porque eles, porque o Deus deixou pra isso mesmo, pra viver assim, pra gente viver assim e pra viver o que ele deixou. Então, ele disse assim, já que ele é o pai deles. Antigamente, ele sabia que os Kesuíta vieram pra cá para alcançar e atravessar esse mar. Alcançar a Terra Santa. Então o Benito, ... o pensamento dele é isso. Eles querem continuar a reza deles mesmo. Ele não quer trocar o sistema deles. Quer viver o que eles tão vivendo antes, diz que viver junto com as crianças, porque em todo lugar, toda parte, já que o índio era os Guarani. Nós tamo sabendo isso. (...)

Então, já que como eles, porque o que eles precisam, o que eles tavam pensando, o que eles tava pedindo para o Deus ajudar eles, para encontrar outro lugar, outra terra pra eles sobreviver, para viver junto com as crianças e com a família de/es. E até com a ajuda de Deus, como os brancos, que deram uma força, não pelo poder deles mesmo. Deus ajudou eles pra fazer a força pro Benito. Então eles fizeram a força, também pra vocês, todos nós fizemos a força junto com vocês. E nós conseguimos essa terra pra gente ficar mais feliz (ele se refere à área da RFFSA em Araquari/SC). Porque nós, o Benito não quer que a gente perde esses nossos costumes. Eles querem viver como a gente vivia antes. E porque pra isso mesmo que



deixou, alguns lugar deixou, quando Kesuíta vem, eles fizeram um caminho pra quem pede a Deus de verdade, pra quem tem pensamentos de verdade, pensamentos mesmo, pra alcançar o que ele deixou. Pra ver o que ele deixou. Só que daqui por diante que os brancos já tomaram conta disso também. Têm alguns lugares que a gente chega o que ele deixou, como as ruínas, essas coisas. O Benito já viu, já passou, por isso já viu, ele já viu o que deixou de mostra pra gente saber, pra gente conhecer... (...)

Nós tamo pedindo, nós tamo fazendo a força pra nós todos. Não só pra nós, para nós todos que tamo aqui na terra. Pra gente alcançar essa terra, pra não acontecer algum castigo pra nós. Isso que a gente tamo pedindo. Que o Benito 'toda a tarde, toda a noite, reza por isso. Por que eles tão sabendo, e/e mostrou pro Benito não esquecer, não deixar o que ele deixou pra gente viver'. Que se a gente mudar, trocar essa lei, como dizem vocês, esse costume, aí as coisa não vai ficar bom pra nós. Porque a gente, nós temos que continuar o que era pra gente continuar. Pra ficar bom pra nós, pra ficar bom pra vocês. (...)

Nós temos muito respeito. E a gente, nós tamos lutando por isso, pra gente viver mais tranqüilidade. E nós agradecemos muito vocês, e nós agradecemos até o nosso presidente. Dizer olha, por ele que a gente estamos fazendo força. Nós tamo pedindo, os nossos pais também, pra poder mais ajudar, ajuda pra eles e ajuda pra nós. É isso que a gente tamo pensando.

Trechos do depoimento de João Paulo Mariano, liderança política, para Maria Dorothea Post Darella, quando dos trabalhos de campo do grupo técnico da FUNAI (Convênio DNERJFUNAI — BR 101), para identificação de terras. Data: 18.08.98.

Local: Tapera (proximidade do lixão da cidade) - São Francisco do Sul/SC.

Eu vou começar de nosso estudo, que nós Guarani já não é como os brancos. Que a gente não precisa de escola. Tem muitas coisa que a gente não aprende ainda. Mas a gente aprende.(...) Mas, índio Guarani já é diferente um pouco. Muito mais diferente! Por que a gente acredita em Deus! Que se não for por Deus, a gente não sabia, a gente vivia o que a gente não podia viver. (...) Único que falta mais era só a terra que a gente precisava mais. (...)

Pelo que a gente, os índios do nosso estudo, nós poderia entrar no terreno dos outros. Que a terra, que o Deus, nossos pais fizeram essa terra pra gente viver. Não dizer que isso é



meu, eu não vou dizer que essa terra é nossa. Isso é nosso, você não pode entrar. Você é branco, não pode entrar porque aqui é minha terra e nós não podemos dizer isso. Por que a terra foi feita pra gente viver todo mundo. Se os brancos pensasse bem, pensasse como a gente, a gente poderia até viver junto. A gente não é como vocês, não diz assim: 'Ah! Esse é meu, isso aí é meu, esse aí eu paguei!' Que eu, não era isso que o Deus deixou pra gente... (...)

Quem construiu isso em cima da terra, ele não tá dizendo, não, ele tá vendo só como que a gente tamos vivendo aqui embaixo. Ele está vendo tudo, o que que a gente estamos fazendo, o que que os ricos tão fazendo com os pobres, tudo isso, tá vendo tudo. Então isso, isso tudo que o Benito sabe. Pra isso mesmo que eles, eles fazem uma reza. Pra isso mesmo que tem a nossa igreja indígena. (...)

E assim, como nosso presidente trabalha pra ajudar o índio, pra não deixar mais eles do nosso pai. Mas nós que decide. O presidente, ele tem a sabedoria, mas, o Deus que está dando a sabedoria pra ele. Porque se não for por ele, ele não sabia de nada, todos nós, por ele a gente estão vivendo, por ele a gente sabe, sabe viver aonde que a gente, qual lugar a gente pode pisar, qual lugar que a gente não pode, não pode pôr o pé no mato, qual lugar que a gente nós podemos andar direito. Qual canto que nós não podemos entrar, a gente sabe, tudo por ele. Se não fosse por ele mesmo, a gente nem levantaria, a gente ficava duro que nem os pato, ou ficar mole que nem o maria-mole, como dizem. Mas eles que estão fazendo a gente levantar, caminhar, pra falar, pra ficar alegre. (...)

E por isso que o Benito reza pra poder alcançar também o que os avós deles, o pai deles andou nesse Brasil, porque que eles passaram esse Brasil. Porque os Kesuíta, eles acompanharam o avô do Benito, eles viram, só que não andou junto com eles... tempo faz, um tempão. Então eles conhecia ele, então eles deixou falar com o pai do Benito e o pai do Benito sabia que eles, que os Kesuíta, que eles, que a gente caminhar, que o caminho. Que ele deixou um caminho pra eles e por isso que depois que o pai do Benito faleceu, depois deixou e sabe que o Benito deve caminhar por isso também. Aí ia ser um caminho comprido pra eles. Por que o Benito, ele conhece, ele deixou, ele conhece que o Kesuíta eles tão, eles andou pra Brasil e conseguiram atravessar esse mar. Então isso que o Benito diz que conhecer tudo que, porque falou pra eles quando pisavam uma vez quando nós tinha Opy [casa cerimonial, a igreja] não descansava. A gente vivia solto, a nossa dança, a gente rezava e o ano que os Guarani reza, que cada ano eles sonham ou nossos pais dão os pensamento ou vão mostrar pra el



es. Aí é que eles vão saber. Agora eu já vou mudar já como o Benito que nós tivemos, porque isso que no ano passado eles mostrava pra eles, que ele sonhou. Primeiramente ele sonhou, aí depois marcou pra esse ano de novo, pra saber certinho onde que era, que era o que que o Kesuíta andava. Se passou por aí, mas, por aí perto. Só que eles não ouviram bem, que..., não sabe, não sabe direito por que já mais dois anos que a gente não, não reza mais, já não tem Opy. E se a gente tivesse Opy de novo, ele mostrava bem, aonde que era pros Guarani viver, pra eles viver. Aí eles sabiam certo tal lugar, onde que era lugar, foi aqui, foi ali, dizer. Só que eles, eles disseram ontem, que eles contou pra nós o que ele sonhou.

Porque primeiramente ele sonhou que era lugar pra cá e com isso a gente vem pra cá. E é verdade mesmo, nós tamo no grupo. Oh! Que eles quando contou pra nós, falou pra nós, explicou pra nós, a gente vive, a gente tá no lado deles, está no meio deles, então ele contou isso aí. Aí nós tudo rezamos, até nós choremo também, e tanto é que ganhava essa terra com isso. Até que quando eles fizeram esse Opy, a gente vamos rezá, vamos fazer uma reza muito forte, aí eles vão saber, eles vão saber aonde é que mostrou pra eles. Aonde que eles, que ele deixou pra gente, pros Guarani viver. Qual o lugar mesmo, aí eles vão saber. Mas tem que ter a reza indígena. Nós temos que fazer a igreja do índio ainda pra nós rezá. Ah! Mas vai demorar ainda, porque nós vimos, pedir há quatro, cinco anos. Pensamos ainda. E assim e por isso que o Benito já quer assim mudar logo pra lá no Inferninho (denonuaçãoção da área da RFFSA). Mas, e nós temos que ter a igreja nossa. (...)

E quando a gente pediu a terra, a gente, todas as criancinha como eles tão querendo agora, toda da idade fazendo dançar o xondaro. Toda a tarde, aí ficava todo contente, ficava todas as criancinha alegre por que a gente vi..., e..., era só isso mesmo que a gente podia viver. A Ete/vina só pensa nisso, já não pensa mais de outras coisa, só pensa em, porque aonde, aonde que o Kesuíta passou. Aonde que os Kesuíta deixou algumas terra pra gente ver, conhecer o que ele deixou. (...)

Trechos do depoimento de Timóteo de Oliveira, liderança religiosa atualmente em Tekoa Marangatu (Imaruí/SC), para Maria Dorothea Post Darella. Data: 13.06.96. Local: Morro dos Cavalos Palhoça/SC), situada à beira da BR 101.

Durante o seu depoimento, Timóteo acentua e reitera que antigamente os Guarani estavam bem, tinham terra, viviam em tranqüilidade, eram muito ricos e só tinham doença que sabiam tratar e curar. No mato tinha plantas, caça e pesca. O mato era o mercado, a farmácia.



Afirma que hoje em dia vivem em dificuldade, em terra ruim para plantar, onde tem pouca caça. Querem plantar milho, feijão, batata, abóbora, batata doce (a importância de fazer a dieta, visando a leveza, beleza e saúde do corpo), comer a comida dos antigos, sem sal e sem óleo, usar o *tetymakua* (fina trança de cabelo de mulher enrolada várias vezes abaixo do joelho). Afirma que os Guarani *Mbya* querem morar em locais mais afastados da BR 101 e dos brancos, no mato, numa terra maior, onde haja mel, palmito, jabuticaba, guabiroba, palmeira, taquara. Diz ser o direito dos Guarani, porque já existiam aqui antes de 1500.

Explica que cantar e rezar bem é muito importante para os Guarani, que o espírito traz o canto, a reza. Diz que os *Mbya* devem construir *opy* para dançar sempre, para dar alegria e saúde também para as criancinhas.

...[Mbya] só quer terra para plantar', para fazer casa, para rezar para nossos irmãos, pedir ajuda, só para isso nós queremos. Porque nós temos sentido muito por que agora já é ano 1996, então o prazo para aqui nós sabemos que 2000 anos quase completos já, então nós queremos rezar bem, nós queremos fazer igreja para nós para ficar tranqüilidade de nossos filhos ali. (...)

Tem que fazer dança todo fim de tarde.(..) Por isso nós queremos um lugar mais bonito pra fazer dança de noite, como antigamente. (...) Sem opy não vai saber. Se ensinar desde pequeno, aí cresce e sabe. Menina assim pequena e gurizinho aprendem, aí crescem e sabem. Como nós antigamente rezamos e dançamos. Aí sempre vai saber. (...)

...alguns eu acho que é melhor estudar para aprender a andar na cidade, pra pegar o ônibus.(...) Assim sem ler e escrever não dá. (...) Porque não é como antigamente, se tivesse dentro do mato, aí não precisa estudar, por que não vai vir pra cidade passear e comprar, qual ônibus que vai pegar. Ai não vai vir mesmo. Tivesse onde morar assim dez quilômetros dentro do mato, aí sim não precisa estudar, não precisa de colégio, nada. (...) Guarani nunca esquece os ensinamentos, os conselhos, nunca esquece. O branco não. Pra não esquecer tem que estudar. (...) hoje em dia é tudo diferente. (...) Não é como antigamente, por isso muito importante estudar. Mas pra mim não é importante. Se tivesse lugar mais longinho pra morar é melhor pra mim. (...) Sem terra nunca pensamos.

Trecho do depoimento de Alcindo Moreira, liderança religiosa, para Maria Dorothea Post Darella. Data: 20.11.97. Local: Aldeia M'Biguaçu (Biguaçu/SC), situada à beira da BR 101.

Eu sei que aqui a maioria está precisando mais a demarcação [da



terra] pra ficar garantida para os Guarani. Isso é o que nós sentimos n;ais. É para a piaçada se fazer, por que agora eles estão se criando. Isso é o que eu sinto mais. Pelo menos ter demarcação de terra, então fico contente. Dá pra fazer uma rocinha. Esse é o meu prazer e sentimento. Demarcando pra nós, já ficamos satisfeitos. Até agora não tem terra dos próprios Guarani.⁶

Trechos do depoimento de Felipe Oscar Brissuela, presidente da Organização Mbya Guarani, durante o encontro “Alternativas para aquisição e ocupação de terras indígenas Mbyá-Guarani” — Org.: Ministério Público Federal. Data: 30.06.97. Local: Porto Alegre/RS.

Felipe enfatiza as necessidades, dificuldades e sofrimentos dos *Mbya* vivendo à beira de estradas. Diz que não tem mais espaços livres e que o branco deve conhecer os direitos dos *Mbya*, que somente querem ocupar as terras, recuperar um pouco de onde os avós moravam. Expõe que os *Mbya* não podem mais viver sem terras e que os brancos devem pensar como resolver a questão, tratando das soluções. Os *Mbya* querem viver dentro dos matos, levantar plantações. Delineia que há que se lutar pela terra, a exemplo do ocorrido na TI Barra do Ouro/RS, ocupada na década de 70, sendo que em 1995, após expulsões e queima de casas, houve a iniciativa de executar a autodemarcação da terra.

Por isso, Senhores e Senhoras (..) nós não podemos viver mais assim na beira da estrada. Tem que sair, tem que ocupar terras, porque senão, se é assim, vai morrer tudo no caminho. E quem está oferecendo, por exemplo, o mato que precisa? (...) Então, temos que resolver esse problema. Para esperar um ano mais é muito. Porque já basta. Foram 500 anos dos Mbya sofrendo dessa maneira. (...) Então isso que eu quero que vocês entendam bem e tratem de pensar como resolver.

Trechos do depoimento de Felipe Oscar Brissuela, presidente da Organização Mbya Guarani, durante o Seminário “Políticas de demarcação de terras para o povo indígena Mbya-Guarani” — Org.: Fórum Permanente Intermunicipal para a Questão Indígena. Data: 25 e 26.03.98. Local: Porto Alegre/RS.

Não estamos resolvendo tudo com terra, mas precisamos de terra. (...) Não temos terra, só paradiços.(...) Tem que resolver de uma vez.(...) Compra de terra para nós não é problema. Problema é falta de terra.”

Para ele, todas as reuniões significam dores. Nesse seminário, Felipe declarou que os *Mbya* pretendem alcançar muita coisa mais importante do que a terra, querem conseguir *yvy mara'ey* (terra sem mal), onde merecem morar.



Trechos dos depoimentos de Timóteo de Oliveira e Darci Lino Gimenez quando dos debates da Mesa-Redonda: “Indigenismo estatal e povos indígenas: a reocupação Guarani do litoral” — 3a Reunião Especial da SBPC. Data: 04.05.96. Local: UFSC/ Florianópolis. - Darci Lino Gimenez (TI Morro dos Cavalos — Palhoça/SC)

Fez uso da palavra para expor a preocupação dos Guarani quanto à solicitação de deixarem a área, uma vez que não teriam onde morar. Explicou que antes tudo era mais tranqüilo, sobrava mato e que agora não tem mais mato. O branco foi chegando onde os índios viviam, e eles iam para mais longe. *E agora nós não temos mais mato. Pra onde é que nós vamos? Agora eu queria que alguém ajudasse, que conseguisse ajuda, um lugarzinho pra nós podermos viver. Porque eu acho que quem criou a Terra, não fez só para o rico... É pra todos. Se fosse só para aquele que tem dinheiro, se fosse só para aquele que tem bastante dinheiro, se fosse só para o branco, o Deus mesmo não deixava existir os índios.* Terminou falando que eles brigariam pela terra.

Timóteo de Oliveira (atualmente em Tekoa Marangatu)

Fez suas ponderações após a fala de Darci, seu cunhado, apontando também a ocupação de índios Guarani no Morro dos Cavalos há várias décadas (sua família extensa ocupou o local em dezembro de 1994) e sua preocupação com o aparecimento do “proprietário” da terra. Mencionou a tranqüilidade na qual viviam antes de 1500 no Brasil, sendo que atualmente têm esperança no governo, no presidente, porque ele sabe que tem lugar, um mato...

Agora nós temos esperança pra encontrar um lugarzinho pra morar. Nós pensamos assim. Esperança no governo, no presidente, porque ele sabe que tem lugar, tem um mato. (...) E agora nós estamos muito sentidos, porque nós Guarani não tinha mais terras pra plantar e tem muita criancinha... (...) Eu quero, eu queria plantar, eu queria viver em tranqüilidade, mas nós já não sabemos mais pra onde vamos sair. Agora nós temos esperança de liderança de branco, de alguém ajudar... Nós nunca queremos brigar com os brancos. Nunca Guarani brigou por terras... (...) nós pobres não temos dinheiro para comprar terra, nem um pedacinho.

Trecho do depoimento de Augusto da Silva (Massiambu, na época) durante o Seminário “Práticas de subsistência e condições de sustentabilidade das comunidades guarani na Mata Atlântica” — Org.: Centro de Trabalho Indigenista. Data: 22 a 25.09.97. Local: Ville Hotel/São Paulo.

Os Guarani estão precisando e querendo a demarcação da terra.

(...) Tenho as sementes dos meus avós. Nosso Deus deixou nós lá no mato e também as sementes... Quando vivia no mato, não pedia comida, não fazia artesanato. Agora tenho que pedir para alguém.

Trecho de depoimento de Artur Benite (Morro dos Cavalos - Palhoça/SC) durante o Seminário “Saúde indígena: esta causa também é nossa” — Org.: Secretaria Municipal de Saúde e Saneamento de Palhoça. Data: 12 e 13. 03.97. Local: Palhoça/SC e aldeia Morro dos Cavalos.

O primeiro que precisamos é terra demarcada. Depois, recursos para viver. As autoridades precisam enxergar, olhar os Guarani. Os Guarani não lutam pela terra.

Trechos de depoimentos de índios Guarani quando das gravações em vídeo da TV Educativa (Anhatomirim) referentes à produção do documentário *Yvy Porã*, veiculado pela emissora em 30.12.97. Data: 17 e 18.12.97. Locais: Aldeias guarani de Massiambu e M’Biguaçu. - Augusto da Silva (atualmente em Tekoa Marangatu)

Eu queria contar umas coisinhas, que eu tô sofrendo e sofri muitos tempos já, e tô sofrendo mais ainda... (...) Por que nós estamos sofrendo de muito tempo, por causa que nós perdemos a terra. Nós somos, nós éramos os donos verdadeiros da terra, mas hoje nós não temos mais terra, vê. Olha essa terrinha aqui. É de 5 hectares e só o que nós temos. E somos bastante, muito índio e muito pouca terra e já quase não dá, então a gente precisa da demarcação da terra. (...) Toda a mulherada trabalhava na roça, plantando, quando nós tínhamos bastante terra ainda. Quando nós morávamos bem longe no mato, só plantavam e daquelas plantas mesmo a gente se mantinha. Naqueles tempos tinha muitos frutos do mato, fruta nativa. Então a gente não sofria e agora aqui já não temos mais terra. Nem mato temos e então estamos sofrendo demais. Por isso que a gente precisava sempre a terra. E a primeira coisa que tem que ser é a terra pra poder plantar, pra poder criar os nossos filhos e os netos. Era isso que sempre nós precisamos. Mas não aconteceu nada ainda, mas tem muita gente que tá ajudando pra ver se arruma um pedacinho mais de terra pra nós.

Milton Moreira (M’Biguaçu)

Sim, é isso que nós queremos. Unia demarcação imediata, por que não tem mesmo essa demarcação pro índio Guarani. Principalmente pra nós. (...) Nós queremos essa terra aí pra ser demarcada pra gente plantar, viver como a gente quer, pra não deixar morrer a tradição, porque tem muita gente que fala assim: ‘Pra que terra pra índio?’ Não, mas eles não



sabem como nós somos, como é a nossa sobrevivência. Eles não sabem como é o nosso sistema. Porque o nosso sistema é diferenciado. Então eu fico muito triste quando uma pessoa sem saber, diz assim. 'Pra que terra pra índio? Índio não merece, índio não faz nada.' Não é por causa disso, não. A gente que tem que preservar também a natureza e também só usar para o próprio consumo pra gente, fazer plantação. E ter uma terra melhor. É isso que nós queremos. Porque também têm muitas sementes nativas, mas por esse motivo nós perdemos muito. (...) Então a terra é muito importante pra nós. Uma terra boa! Aí muitos não entendem porque nós Guarani queremos uma terra. (...)

Eu queria ter uma ajuda, principalmente do governo aqui de Santa Catarina. Que olhasse mais pra gente aqui.

Trechos de depoimentos de índios Guarani durante o Seminário do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro — Org.: FATMA. Data: 15 a 17.04.97. Local: Campeche — Florianópolis/SC.

Vários índios *Mbya* participaram dos três dias do seminário, depondo tanto na plenária quanto no grupo de trabalho denominado "Comunidades Indígenas".

Artur Benite (Morro dos Cavalos — Palhoça/SC) assim pronunciou-se:

Primeiramente nós vivíamos em terra suficiente. Agora não dá mais. Agora nós queremos que se conseguisse um lugar com mato, floresta, para nós sempre seguirmos nosso sistema. Porque nosso sistema é assim, não é como o civilizado. (...) Por isso nós queremos que vocês reconheçam, que conheçam, que enxerguem onde nós estamos, sofrendo, sem terra. (...) Será que vocês dão uma ajuda para nós? Eu acho que dão, não é? (...) Nós queremos viver como os antigos viveram. É assim que nós queremos. Nós queremos conseguir terra, floresta para nós morarmos, para não perdermos nossa tradição. (...) Eu fico muito sentido pelos meus parentes.

Darci Lino Gimenez (Morro dos Cavalos — Palhoça/SC) assim declarou, quando os índios foram questionados sobre a razão do interesse de uma área dentro do Parque:

Nós queremos o Parque também. Também queremos preservar. Por isso nós fomos lá e gostamos, porque nós também queremos viver. Nós índios nunca destruímos nada, depois de 500 anos veio o branco e está destruindo tudo. Por que nós não vamos desmatar e destruir esse pedaço. Por que quando nós vivia na mata, nós nunca precisamos de remédio, de



hospital. Qualquer folha, árvore nos curava. Lá no Parque nós achamos muitas plantas fundamentais para nós. Só que nós não sabemos o tamanho que nós vamos precisar por causa das visitas. Se nós ganhar terra no Parque, muitos vão querer vir, porque nosso jeito de viver é na mata.

Trechos de depoimentos de índios Guarani quando dos trabalhos de campo referentes à complementação do EIA/RIMA das obras de duplicação da BR 101 — trecho norte. Data: Julho e agosto de 1996. Locais: Aldeias guarani do litoral de Santa Catarina.

Artur Benite (Data: 31.07.96. Local: Morro dos Cavalos — Palhoça/SC)

Ainda tem muita coisa que nós vamos contar. Tudo o que nós passamos durante toda a minha vida, por que eu vi como era a vivência dos antigos, por isso que eu fico pensando sobre como está agora. Nós tínhamos que mostrar como era a vivência dos nossos pais e avós. Mas agora não dá para mostrar, porque estamos neste estado. Não usávamos casa desse jeito, era opy, casa toda de palha agora não tem. Se nós conseguíssemos um lugar com terra plana para plantar, seria bom. (...)

Antigamente tinha tekoa, mas era bem retirado do branco. Quando tinha reza, as crianças aprendem desde cedo, então quando crescem já sabem rezar. Eu até doze anos aprendi, agora nossos filhos não podem aprender porque não tem um bom tekoa para construir opy. Para aprender, tem que ter um tekoa longe do branco, sozinho. Tomara que chegue um dia que a gente possa começar de novo. (...) Se nós morarmos num tekoa, nós teremos tudo o que precisamos para sobreviver, porque nós conhecemos a natureza. (...) Construir um bom tekoa para plantar e rezar e mostrar para nossos filhos. Se nós continuarmos a viver assim e nossos filhos crescerem assim, vamos esquecer dos costumes e os pequenos só vão conhecer os costumes do branco. Será que não é certo o que estou pensando? Eu não quero continuar assim.

Milton Moreira (Data: 14.07.96. Local: Aldeia M'Biguaçu — Biguaçu/SC)

Com nossos antepassados nós aprendemos como lidar com a natureza. A riqueza para nós nunca importou muito, nunca a gente se importou com a riqueza. A gente não tem inveja de quem tem e de quem não tem. A nossa inveja é que estão destruindo muito a natureza. (...) Hoje a gente não pode nem caçar e nem pescar por que não tem mais também. Ninguém aprende que o castigo vem depois. Eles não sabem disso. Nós não temos estudo suficiente para dizer que tem que preservar a natureza. Nós já



preservamos muito tempo. Já preservamos desde antes da invasão branca. Hoje nós estamos até fazendo parte do sofrimento apesar de que a nossa culpa não é tanto, porque nós às vezes desmatamos só um pouquinho por que a gente precisa plantar pra comer. (...)

A gente tem que ver a destruição por que a gente não tem tanta força para dizer: 'Aqui não pode entrar, aqui não pode ser destruído. (...) ... a nossa voz é tão pequena. (...) Como é que a gente vai chegar e dizer: 'Dá outra terrinha pra nós.' É difícil. Vamos morar lá na mata, mas tudo tem dono, apesar de que o dono somos nós mesmos. Mas a gente tem que pedir pra eles novamente. O Guarani tem o direito, mas tem gente que diz que aquilo é dele, que ele comprou não sei de quem, e a gente tem que ficar quieto. E a gente tem que ver a destruição. (...) Nosso território é muito grande, era tudo nosso mas hoje o que era nosso nós temos que pedir para os outros. E os outros não compreendem.

Trechos de depoimentos de índios Guarani quando da abertura da exposição intitulada "Ñande jaipotã yvy porã ñamaety aguã", ocorrida na UFSC em novembro e dezembro de 1997 - Org.: Maria Dorothea Post Darella (MU/UFSC). Data: 26.11.97. Local: Hall da Reitoria da UFSC.

Esta exposição foi pensada com alguns índios Guarani, que propuseram títulos para a mesma, visando dar vigor à reivindicação mais ouvida nas aldeias: 'Queremos e precisamos de terra boa para viver e plantar'. Foi composta por fotografias minhas, trechos de depoimentos de índios Guarani, frases de cronistas/viajantes e de pesquisadores, textos constitucionais (federal e estadual), mapa com toponímia do Estado, textos informativos de minha autoria.

Júlio da Silva (atualmente em Morro dos Cavalos)

O que precisamos é terra pra nós podermos viver. Nós viemos pra reivindicar assim, lutar pra viver. (...) Sabe que nós precisamos mais terra. Terra de monte [mata]... Todos conhecem, dizem que os Guarani são o dono da terra. E hoje em dia tomaram conta e ficamos sem nada, sem terra. O que que pensa o governo, o presidente? (...) O que precisamos é só terra pra viver, pra plantar, só isso.

Alcindo Moreira (M'Biguaçu — Biguaçu/SC)

Pobre coitado da gente aqui, índios Guarani mio meio dos brancos. Primeiramente falar que nós tínhamos muito mais. Hoje temos pouquinha terra. Isso é o que mais queremos, precisamos. (...) Mas nós queremos só a



terra demarcada. Isso que estamos precisando, isso que nós queremos. Aí já é da gente. (...) Não estamos pedindo esmola pra ninguém. Estamos lutando, estamos trabalhando.

Claudiomir Thibes (atualmente em Pindoty)

O nosso problema maior é problema de terra.

Fala que muitos índios estão vivendo às margens da BR, numa situação muito difícil, não conseguindo manter a cultura, as tradições. Aponta que a causa de estarem perdendo a cultura e suas tradições é o fato de não terem a sua própria terra, de as demarcações não estarem sendo feitas. Diz que os índios devem trabalhar e plantar, mas explica que no Morro dos Cavalos não há possibilidade de plantar. Crê que os índios não podiam estar vivendo dessa maneira, mas sim ter liberdade para viver, trabalhar e manter sua cultura.

Darci Lino Gimenez (Morro dos Cavalos — Palhoça/SC)

Nós viemos porque era preciso, por que até hoje não ganhamos mais a terra que era nossa. Precisa, por isso que hoje fizemos uma pequena exposição. Precisa porque até hoje vivemos sem ganhar a terra pra nós vivermos plantando pra ter a nossa comida, como era antes. Por causa disso que hoje viemos na cidade, uma rua, procurando vender nosso artesanato pra conseguir a comida pra nosso filho que precisa viver. Já que existiu aqui uma terra, tem que viver. Queiram ou não queiram, tem que viver. Então por isso que nós estamos procurando vender artesanato na rua, na cidade. Mas antes nem precisava vender artesanato, porque nós tínhamos de tudo antes. Tinha aquele tempo que nós vivíamos e que tínhamos tudo, de tudo, por que era tudo a terra, todo o mato que era nosso. (...) ... nós temos esperança que as autoridades querem nos ajudar. Ajudar e conseguir a terra, pelo menos um pedacinho pra nós vivermos plantando.

Trechos de depoimentos de índios Guarani proferidos durante o final da reunião Nemboaty Guasu Guarani, ocorrida de 05 a 09.11.99. Data: 09.11.99. Local: Aldeia de Massiambu — Palhoça/SC.

Faixa confeccionada para a ocasião:

"Pe mê'e jevy oreyvy peraa va'ekue roiko'i há guã peraa va'kue roiko'i haguã."

"Devolvam a nossa terra que vocês tomaram, para que a gente continue vivendo."



Leonardo da Silva Gonçalves (atualmente em Tekoa Marangatu)

Afirma que os caciques, as lideranças, as comunidades estão reunidas desde 05.11.99 discutindo sobre terra, saúde, educação. Para eles, a prioridade é a terra, porque sem terra não se sobrevive. Os Guarani estão vivendo em pequenas áreas que não fornecem condições pra sobreviver.

O que estamos reivindicando é para nossa própria sobrevivência, para que as crianças futuramente tenham unia vida melhor.

Manoel da Silva Wherá (atualmente em Biritiba)

Hoje nós estamos à beira dos 500 [anos] e sobrevivemos ainda falando nossa língua, vivendo nossa tradição. (...) Até hoje a Constituição Federal existe, mas não é respeitada.

- Maurício da Silva Gonçalves (atualmente em Salto do Jacuí/RS)

Estamos às vésperas de uma comemoração que se chama Descobrimto do Brasil, mas pra nós está sendo comemorado o extermínio de nosso povo. Isso aqui é o resto do que sobrou, do que não conseguiram matar. Quando chegaram os portugueses já viram pessoas morando nessa terra e até hoje o direito desse povo não foi respeitado. Por que os Guarani estão reunidos aqui? Estanmos discutindo nossa sobrevivência. Será que não temos direito a um território maior, uma grande terra? E por que não temos terra suficiente? Todos falam que somos os donos, mas e o direito? (...) Nós índios temos direitos, mas que na verdade não estão sendo respeitados. E que isso sirva para uma reflexão mais ampla. (...) Vai ser mudada [a atual situação] se fizermos nmobilizações, reuniões. Vamos lutar, somos muito pacíficos.

Trechos de depoimentos de índios Guarani quando dos trabalhos de campo referentes à complementação do EIA/RIMA das obras de diuplicação da BR 101-trecho sul. Data: Outubro de 2000. Locais: Aldeias guarani do litoral de Santa Catarina.

Maria Guimarães (Data: 18.10.00. Local: Tekoa Marangatu). "Tradução" de Maurício da Silva Gonçalves.

...quando ela perdeu o pai, a mãe, parece que havia tudo se acabado para ela. Porque o pai e a mãe eram coisas importantes na vida dela. E foi quando...o marido, que é o Sr. Augusto, disse a ela: 'Vamos sair... caminhando... à procura de um lugar. Eu não sei falar em português', diz o Sr. Augusto, porém o pouco que eu sei falar vai dar para nos ajudar a



conseguir um lugar para nós, para criar a nossa família, nossos filhos,nossos netos. E foi nesse...nesse entendimento que eles saíram a caminho desse lugar, não desse lugar, eles vieram caminhando, primeiramente na Palhoça... depois conseguiram um lugarzinho lá em Massiambu, e que todo tempo para eles, para ela, o que era mais importante? Era conseguir uma terra, onde tivesse .fatura de mata, de caça, de remédios, então tudo isso era o que ela sentia no coração que um dia eles iam conseguir. E... ainda ela disse que... com a força de outros caciques, com a força desses outros caciques que lutam em busca dessas terras é que vai dar força para ela, que ia dar força, ela entendia. E com certeza, a força deles também ajudou os que buscam, na nossa religião, a Deus. E tudo isso fez com que ela tivesse mais força ainda, é o que deu força para ela estar correndo atrás do que é o mais importante, que é a terra. Para ela não tem nada de riqueza que possa estar na cabeça de/a. Mas a riqueza maior é a de ter uma terra grande, uma terra que possa oferecer muitas coisas da natureza para ela, e que possa dar força. Ela não quer levar os filhos para a cidade, mas sim ter um local, ou um lugarziuzho de/a, onde ela possa criar os filhos e os netos. Então, resumindo um pouco, em tudo que ela fa/ou, foi que ela conseguisse uma terra, para que e/a criasse os seus filhos com dignidade, então foi um pouco isso que ela falou.(...)

Leonardo da Silva Gonçalves (Data: 25.09.00. Local: Massiambu).

Para mim a demarcação das terras Guarani é questão de dignidade, porque já fez 500 anos de invasão e até hoje o Brasil ainda não reconheceu o direito dos povos indígenas, principalmente dos Guarani, que sempre viveram neste litoral, há milhares de anos. E eu pessoalmente, eu que sou jovem, fico indignado com as coisas que os homeums brancos fazem com meu povo. Porque os mais velhos sempre falam como Deus fez, como Deus criou esta terra, como criou todos os animais, a natureza, e o meu povo tem um conhecimento milenar. E o povo branco não reconhece isto e até hoje procura escrever, o próprio governo fala, tem que .fazer relatório, tem que fazer isto, tem que .fazer aquilo. E para nós, é um desrespeito, por que o governo já não reconhece há muito tempo e deveria reconhecer.

E o pensamento, a sabedoria, o conhecimento dos Guarani sobre a terra... E os mais velhos sempre falam que para os Guarani antigamente não havia necessidade de limites da terra para viver. Por que só existia um limite para todos os povos, para os Guarani também, que era o oceano, o mar, que sempre será na memória dos mais velhos, dos Guarani. E porque a gente quer morar na mata, por que a gente sempre viveu no litoral? É porque do amor dos Guarani pela natureza. Amar para os Guarani é conservar a natureza, seria conviver com e/a, morar e gostar de/a, aprender



com e/a, compartilhar. Respeitar cerimoniosamente, viver sempre harmoniosamente com a natureza. Todos nós podemos viver sempre assim, os mais velhos sempre falam isso. E porque a gente hoje também fala sobre a terra, e os velhos ainda hoje guardam muito aquele jeito de conhecimento, de como ver o mundo, e nós, os jovens, hoje, a gente aprende através deles, através da história, que hoje para nós está sendo muito difícil este resgate, ou de fazer na prática, porque hoje a gente mora perto da estrada ou na periferia da cidade. E isto para nós jovens não fazer na prática, a gente vai perdendo os conhecimentos dos mais velhos, que tinham sobre a terra. Então, não é que o governo sempre fala que quer proteger os índios, e a própria Constituição fala que tem que proteger.

A luta, a luta para os Guarani sobre a terra é continuar resistindo, como pessoas, como povos e como Guarani, como ser humano. Ser índio Guarani é viver harmoniosamente bem com a mãe terra, com as águas, com a mata, tudo que tem nela, e com todos os seres vivos, em harmonia com todos os povos. É por isso que nós Guarani sempre tentamos compreender os homens brancos, e tentamos, sempre respeitando, quando fala que a lei não permite, aqui fala que vocês não podem entrar, nós sempre obedecemos. E é por isso que a gente mora em um dos piores lugares [refere-se a Massiambu]. É terra que não dá para plantar nada. Terra que é acidentada, sem mato. Aqui a gente mora bem perto de uma mata que tem 100 mil hectares [refere-se ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro], quase 100 mil hectares, e que a gente não pode entrar nela, ou morar nela. E isto é triste. E o trabalho dos nossos caciques, dos velhos, é dobrado hoje, porque antigamente para educar os jovens era mais fácil, porque todas as coisas que os mais velhos precisavam, tinham. E hoje não tem. E o sentimento dos Guarani sobre se apossar da terra, sempre os mais velhos falam assim: 'Não somos donos de terra, por que a terra nos criou, através de alimentos, de remédios, e muito mais coisas. Então, a terra é dona de nós, porque muita gente vai ficar com a terra, sempre nossos filhos que vão ficando com ela, e depois vai repassando. Então, a terra é muito superior a nós. Assim é o entendimento dos mais velhos.

Maurício da Silva Gonçalves (Data: 25.09.00. Local: Massiambu).

Hoje existe uma lei que garante todos os direitos, não só para os índios, mas para todos aqueles que vivem aqui na terra. Existe lei que garante os direitos culturais, o direito à terra, a gente vive sob a lei do branco, mas eu acho que além de ter uma lei, é que os Guarani também têm suas próprias leis, que garantem a preservação como o Leonardo colocou. Mas o que a gente entende hoje é que o governo faz uma lei que não respeita... Acho que um exemplo claro aí é que hoje existe lei para preservar

a mata, hoje existe lei para preservar os direitos humanos, mas que na realidade nunca se deu o respeito de fato a uma vida humana.

4. Comentários

Diante da gama de apontamentos e registros feitos por índios Guarani em diferentes ocasiões aqui arroladas, sejam públicas ou em conversas reservadas, entendo ser crucial ressaltar e analisar alguns aspectos. Nos pronunciamentos/depoimentos percebe-se a acentuação relacionada à garantia de terras, mas igualmente a relação terra — sistema/cultura. Todos sublinham a questão da terra como fundamental para o futuro, para a sobrevivência dos Guarani, a exemplo dos tempos dos antepassados.

As falas de Benito Oliveira, João Paulo Mariano, Timóteo de Oliveira, Artur Benite, realçam os tempos dos antigos, dos avós e dos ensinamentos e palavras deixadas, que devem ser transmitidos às crianças. Algumas falas apontam a importância da construção da *opy* (casa cerimonial) e da continuação das rezas, cantos e danças em todos os fins de tarde e durante as noites nas aldeias. Indicam a importância dos sonhos, através dos quais são "lidas" as indicações - caminhos e locais - de *Nanderu*, dos matos, das plantações, dos costumes/cultura/tradições. Benito Oliveira e João Paulo Mariano mencionam a passagem do(s) *Kesuíta(s)*, os lugares onde passou(aram), a(s) sua(s) passagem(s) para a "Terra Santa". Ambos relatam a firme determinação de encontrar esses lugares e a partir deles atravessar o mar, "alcançar e ver o que Deus deixou". GARLET (1997) menciona a figura do *Kesuíta*, dizendo ser *Kuaray* que caminhou pelo mundo. LITAIFF (2000:1) indica que o personagem *Kesuíta* ou *Nhanderu Mirim* "é o resultado da síntese do herói mítico *Kuaray* e dos Jesuítas das Missões. Assim, para os Guarani, a figura do *Kesuíta* pode ser vista como uma forma de re-apropriação de sua história pelo violento processo civilizatório."

A figura do *Kesuíta* e os locais com sinais e ruínas de pedra, pelos quais passou, poderiam, então, ser interpretados como uma reelaboração e uma releitura da versão de *Kuaray* e sua caminhada pelo mundo ou ainda dos *karai* (dirigentes espirituais) que guiaram grupos rumo ao leste em tempos passados. Essa releitura fortaleceria a afirmação de que o litoral foi território transitado e ocupado pelos primeiros *Mbya*, acentuando-se o direito a terras no mesmo. Poder-se-ia dizer se tratar de uma "tradição inventada", na expressão de HOBBSAWM (1997), tal como, para os índios *Waiãpi*, ocorreu com a elaboração da ligação da Fortaleza São José do Macapá à Casa de Argila/Mairi, lugar de origem construído pelo herói *Ianejar* e pelos primeiros homens, a partir da visita de alguns *Waiãpi* à Fortaleza, conforme GALLOIS (1994).



Trazer à baila essa perspectiva de índios *Mbya* privilegia os critérios que fundam a etnohistória guarani, tal como Gallois o fez em relação aos *Waiãpi* do Amapá. Seria investigar as modalidades de manipulação de eventos históricos por parte dos *Mbya* para administrar ideologicamente seu contato com nossa história (de conformidade com a proposição de Viveiros de Castro, in GALLOIS, 1994: 12). Seria reconhecer que num país pluriétnico, como é o caso do Brasil, diferentes óticas, éticas, pensamentos e significações têm lugar. Desta forma, o *Kesuíta* e as ruínas/caminhos/sinais dos antigos poderiam significar novas interpretações da tradição, trabalhadas no tempo presente por importantes lideranças religiosas.

Mas, estamos ponderando sobre mito ou história? HILL (1988) na Introdução do livro *Rethinking History and Myth*, esclarece que a obra pretende repensar a distinção analítica entre mito e história ao explorar a narrativa, o ritual e a oratória dos povos indígenas sul-americanos, como forma de formulação e interpretação da história do contato destes com o branco. Segundo o autor, a história não é passível de redução ao que realmente aconteceu no passado, já que na análise devem ser consideradas: a totalidade do processo, a experiência individual, a interpretação, as transformações individuais e grupais. O mito não está deslocado da história. Indica a existência de consciência social, consciência mítica, consciência histórica e consciência mítico-histórica e que, tanto mito quanto história, são formas de consciência social pelas quais cada povo constrói seus esquemas interpretativos. A consciência mítico-histórica abrange desde a origem (*illo tempore*) até a inserção no presente, referendando o passado e transformando permanentemente o presente.

No texto *Ordem e desordem na tradição oral*, LÉVI-STRAUSS (1986) lembra dos conflitos ocorridos no Canadá entre a Coroa (província) e os índios, surgindo concomitantemente uma nova literatura mitológica que valida reivindicações econômicas, políticas e territoriais. Pode-se ver nesse caso, assim como com Hill, o uso político do mito e da história em relação às questões vividas pelas sociedades indígenas no presente. Da mesma forma pode-se inferir, no caso dos Guarani, que o passado é referendado e transportado ao presente, oferecendo argumentações quanto aos direitos relativos a terras no território litorâneo do sul e sudeste brasileiro.

Melià, durante sua palestra quando do *Seminário sobre territorialidade Guarani. A questão da ocupação tradicional*⁸ enfatizou que o índio é capaz de inventar um mito, perguntando: 'E por isso está mentindo?' Ao que ele mesmo respondeu: 'Não.' Exemplifica-o com o depoimento e comportamento de Aurora da Silva Carvalho, senhora *Mbya* da aldeia *Tekoa Porã* (Aracruz/ES), quando de viagem às Missões em janeiro

de 1997, organizada pelo Centro de Trabalho Indigenista de São Paulo:

Eu fiquei impressionado quando eu vi no vídeo A Terra onde Pisamos [CTI/SP], aquela senhora de idade na missão de Trindade, inventando que os pais dela fizeram aquilo. Parece que ela é a filha daquelas pedras. Do ponto de vista histórico, me desculpem os Guarani, não tem nenhum embasamento, não tem nada a ver, diríamos, em termos de uma tradicionalidade tal como nós a entendemos. E muito difícil, senão praticameunte impossível, que os pais dela tenham estado lá, porém ela está dizendo uma grande verdade. E uma verdade tão grande, que é uma verdade divina. Uma verdade divina enquanto que ela coloca aquilo no início dos tempos, praticameunte. Então, está inventando um mito. Se nós escutamos isso, desde a nossa perspectiva, achamos que ela já é muito velha, já está meio gagá. Mas se nós a tomamos a sério: 'Coitada, não leu o Melià sobre os Guarani das Missões, porque isso não é histórico...' Porém, eia está criando uma tradição. Vocês vão dizer então: 'Dentro desta perspectiva, onde vão estar os limites?' Bom, este é o nosso problema, não é o problema deles. Como nós vamos nos virar com povos que inventam mitos, criam mitos, criam palavras divinas?'

Timóteo de Oliveira, em 1996, fala da iminência do ano 2000 e seu significado. Menciona o temor quanto ao ano 2000, mencionado como a data de destruição e catástrofe nesta Terra, possibilidade, como visto anteriormente, sempre iminente. Nesse sentido, o passado dramático de destruição pode voltar a ocorrer no presente.

Benito Oliveira, João Paulo Mariano, Timóteo de Oliveira e Augusto da Silva lembram que nos tempos dos avós os Guarani viviam nos matos, em tranquilidade, em terras boas, sem o branco ou longe dele, com boas colheitas, água, caça, pesca, remédios. Atualmente, vivem problemas relacionados às terras, solicitando locais melhores, mais amplos, mais distantes do branco, lembrando tratar-se de direitos dos *Mbya*. Benito Oliveira e João Paulo Mariano utilizam-se da oralidade - através da gravação, transcrição e escrita do relatório do grupo técnico da FUNAI - para transmitir ao Presidente da República sua determinação e seus desígnios.

A necessidade de demarcação de terras é ressaltada por Alcindo Moreira, Augusto da Silva, Artur Benite e Milton Moreira, bem como a de lutar pela terra é posição exposta por Felipe Brissuela, Darci Gimenez, Leonardo da Silva Gonçalves e Maurício da Silva Gonçalves.

Em relação aos pronunciamentos públicos, efetivados em reuniões,



seminários e encontros, pode-se perceber uma mesma entonação quanto aos temas gerais, sendo que raramente são mencionadas posturas relacionadas à religiosidade. Trata-se de depoimentos mais políticos, reivindicativos, declaratórios, sendo também sublinhados aspectos como:

- a) a tranquilidade e qualidade de vida dos Guarani em tempos pretéritos;
- b) a importância das crianças, da criação dos filhos e netos;
- c) as dificuldades vividas pelos Guarani atualmente nas pequenas áreas e em contato com o branco e os sentimentos de pesar e tristeza causados pelas situações a serem enfrentadas;
- d) a urgência na demarcação de terras maiores, com mata e condições de sustentabilidade e autonomia;
- e) o valor da plantação, das colheitas, do alimento proveniente das sementes próprias/verdadeiras;
- f) a necessidade de preservação do meio ambiente;
- g) o entendimento das dificuldades criadas pelo branco e a postura de mobilização e avanço quanto aos direitos relacionados à terra e à vida;
- h) a valorização das tradições e costumes;
- i) a importância da vivência e dos ensinamentos dos antigos;
- j) a responsabilidade do governo em solucionar com brevidade a questão fundiária.

Apenas Felipe Oscar Brissuela, dentre os depoimentos públicos, assegura que os *Mbya* pretendem “*alcançar coisa mais importante que a terra*“, ou seja, a terra sem mal, *yvy mara'ey*, onde merecem morar. Maurício da Silva Gonçalves enfatiza a importância das mobilizações e reuniões para mudança da situação. Reconhece que os Guarani são muito passivos.

A expressão oral é, na maioria das vezes, detalhada e reveladora. Expõe os sentimentos a respeito da realidade e dos tempos passado, presente e futuro. Por certo que, para fins de análise deste trabalho, efetivei uma seleção do material disponível. Os Guarani têm-se manifestado oralmente em conversas, encontros, reuniões e seminários, reafirmando os pontos mais cruciais acima apontados: prioridade quanto à demarcação de terras, valorização dos tempos dos antigos e das tradições, a importância da agricultura, bem como a solicitação de soluções por parte dos órgãos responsáveis.



As ponderações/reivindicações/questões/abordagens refletem os sentimentos, descontentamentos e insatisfações das comunidades como um todo, ponderadas em guarani quando das reuniões/assembleias/conselhos que ocorrem quase que diariamente nas aldeias. Pode-se inferir, assim, que de certa forma o coletivo se coloca e posiciona na voz de quem se pronuncia. E esta não é uma função feminina, considerando-se ainda que a maioria das mulheres não saberia se expressar a contento em português e nem gostaria de fazê-lo. Também são poucos os índios *Mbya* que se sentem à vontade para se expressar necessariamente em português diante de um público formado por índios e não-índios. Além disso, há um delineamento do que é passível de ser dito, havendo sabidamente esferas absolutamente circunscritas à sociedade Guarani.

No transcurso de cinco anos - de 1996 a 2000 - percebo que as práticas e os discursos direcionados à sociedade nacional/envolvente estão objetivando posicionamentos que requisitam direitos históricos e inalienáveis com maior objetividade, ênfase e contundência. Os depoimentos indicam que os índios Guarani estão se manifestando quanto à irreversibilidade do tempo e quanto à realidade circundante. Conscientizaram-se sobre a premência de atitudes, inclusive devido à questão ambiental. Aperceberam-se, por conseguinte, que na caminhada por demarcação de terras, sua argumentação e postura é essencial para a garantia de espaços em conformidade com seus conhecimentos e pretensões. Nesse quadro, as lideranças mais jovens estão se posicionando com mais vigor frente à sociedade envolvente, havendo inclusive discursos mais incisivos e críticos da passividade dos Guarani frente à morosidade governamental quanto à regularização fundiária.

A frase dita por Timóteo de Oliveira: *Sem terra nunca pensamos*, deveria ser-nos guia para entendimento do passado, do presente e do futuro, entendimento que incorpora modificações absolutamente perceptíveis no litoral de Santa Catarina, quanto à presença dos índios Guarani.

5. Anexos

Quadro 1 - Aspectos diferenciais do significado e uso das línguas



Primeira Língua Guarani	Segunda Língua Português/Espanhol
Tradição, costume, cultura, sociedade, aldeia	Contatos com os não-índios, inovação, função social, transação social
Oralidade, discurso, palavra. Pouca definição quanto à necessidade de escrita uniformizada	Oralidade, escrita, educação escolar
Essência do ser humano	Tentativa de entendimento das leis e da sociedade do branco
Comunicação com os deuses	Comunicação com as instituições, órgãos, entidades, pessoas responsáveis
Filosofia, poesia, cantos, rezas, rituais. Transmissão do conhecimento	Acentuação dos direitos referentes à terra e história do território, à garantia de espaços
Sagrado	Profano
Nome próprio, palavra-alma enviada pelas divindades	Nome próprio, necessidade da conjuntura, facilidade da pronúncia e possibilidade de maior preservação do nome Guarani. Documentos como certidão de nascimento (FUNAI ou cartório), carteira de identidade, CPF, título de eleitor
Expressão como pensamento, como ser	Diálogo intercultural, interétnico
Comunidade, coletividade, reciprocidade, iguaklade	Política externa, diplomacia, tradução do pensamento coletivo para o não índio
Ideologia, cosmologia, mitologia	Posição e expressão quanto à realidade e urgência de soluções
Tempo passado e tempo futuro	Tempo presente
Mensagem e discussão para conhecimento das diferentes percepções e obtenção de decisões consensuais	Registro para o "outro", "Marcador de distâncias" (ME Ladeira)

Quadro 2 - Depoimentos de índios Guarani referentes à questão/reivindicação de terras, analisados para este trabalho.

Anos 1996 a 2000 (ordem cronológica).

1996

Depoimentos de índios Guarani (Augusto da Silva e Milton Moreira) durante o Seminário “*Realidades e perspectivas das comunidades indígenas em Santa Catarina*” — Org.: Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania — Florianópolis, 22 de abril. (A)

Depoimentos de índios Guarani (Timóteo de Oliveira e Darci Lino Gimenez) quando dos debates da Mesa-Redonda: “*Indigenismo estatal e povos indígenas: a reocupação Guarani do litoral*” — 3a Reunião Especial da SBPC — Florianópolis, 01 a 04 de maio (TF)

Depoimento de Timóteo de Oliveira a Maria Dorothea Post Darella — Aldeia de Morro dos Cavalos — Palhoça/SC, 13 de junho. (TF)

Depoimentos de índios Guarani (Artur Benite e Milton Moreira) quando dos trabalhos de campo referentes à complementação do EIA/RIMA das obras de duplicação da BR 101 — trecho norte. In: “*Relatório sobre as áreas e comunidades guarani afetadas pelas obras de duplicação da BR 101 no estado de Santa Catarina, trecho Garuva — Palhoça*”. Julho e agosto. (TF e R)

1997

Depoimento de Artur Benite durante o Seminário “*Saúde indígena: esta causa também é nossa*” — Org.: Secretaria Municipal de Saúde e Saneamento de Palhoça. Data: 12 e 13 de março. Local: Palhoça/SC e aldeia Morro dos Cavalos. (A)

Depoimentos de índios Guarani (Artur Benite, Darci Lino Gimenez,) durante o Seminário do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro — Org.: FATMA — Florianópolis, 15 a 17 de abril. (TF, A e TCC)

Depoimento de Felipe Oscar Brissuela, presidente da Organização Mbya Guarani, durante o Seminário “*Alternativas para aquisição e ocupação de terras indígenas Mbyá-Guarani*” — Org.: Ministério Público Federal — Porto Alegre, 30 de junho (Documento final intitulado: “*Audiência Pública — Terras Mbyá*”). (TF)



Depoimento de Augusto da Silva durante o Seminário “*Práticas de subsistência e condições de sustentabilidade das comunidades Guarani na Mata Atlântica*” — Org.: Centro de Trabalho Indigenista/SP. Data: 22 a 25 de setembro. (A)

Depoimento de Alcindo Moreira, liderança religiosa, para Maria Dorothea Post Darella.

Data: 20 de novembro. Local: Aldeia M’Biguaçu (Biguaçu/SC). (A)

Depoimentos de índios Guarani (Júlio da Silva, Alcindo Moreira, Claudiomir Thibes e Darci Lino Gimenez) quando da abertura da exposição intitulada “*Ñande jaipotã yvy porã ñamaety aguã*” - Org.: Maria Dorothea Post Darella (MU/UFSC) — UFSC, novembro e dezembro. Florianópolis, Hall da Reitoria da UFSC, 26 de novembro. (TF)

Depoimentos de índios Guarani (Augusto da Silva e Milton Moreira) quando das gravações em vídeo da TV Educativa (Anhatomirim) referentes à produção do documentário *Yvy Porã*, veiculado pela emissora em 30.12.97. Data: 17 e 18.12.97. Locais: Aldeias guarani de Massiambu, Morro dos Cavalos e M’Biguaçu. (TV)

1998

Depoimento de Felipe Oscar Brissuela durante o Seminário “*Políticas de demarcação de terras para o povo indígena Mbyá-Guarani*” — Org.: Fórum Permanente Intermunicipal para a Questão Indígena — Porto Alegre, 25 e 26 de março. (A)

Depoimentos de índios Guarani (Benito Oliveira e João Paulo Mariano) quando dos trabalhos de campo do GT da FUNAI (Convênio DNER/FIINAI) — Julho e agosto. In: “*Aldeias, terras e índios Guarani no litoral centro-norte de Santa Catarina e a BR 101. Relatório final.*” — julho de 1999. (TF e R)

1999

Depoimentos de índios Guarani (Leonardo da Silva Gonçalves, Manoel da Silva Wherá e Maurício da Silva Gonçalves) durante a reunião *Ñemboaty Guasu Guarani*, ocorrida de 05 a 09 de novembro. (A)

2000

Depoimentos de índios Guarani (Maria Guimarães e Leonardo da Silva



Gonçalves) quando dos trabalhos de campo referentes à complementação do EIA/RIMA das obras de duplicação da BR 101 — trecho sul. In: “*Estudo de impacto: as populações indígenas e a duplicação da BR 101, trecho Palhoça/SC — Osório/RS*”. Outubro. (TF e R)

Legenda:

- (A) Anotações da autora/cadernos de campo
- (TF) Transcrição de fita cassete
- (TV) Transcrição de fita de vídeo
- (R) Relatório
- (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso (FARIAS, 1997)

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Rubem T. de. 1995. **Lauda antropológico sobre a comunidade GuaraniÑandeva do Oco’y/Jacutinga - PR.** Rio de Janeiro, relatório.
- BARTOLOME, Miguel Alberto. 1977. **Shamanismo y religión entre los Ava-Katu-Ete del Paraguay.** México D.F.: Instituto Indigenista Interamericano.
- BASINI RODRIGUEZ, José Ezequiel. 2000. **Cruces discursivos, secretarias de Estado y estrategias Mbyá Guarani en Rio Grande do Sul.** Trabalho apresentado na XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília.
- CADOGAN, León.
1971. *Ywyrá Ne’ery. Fluye del árbol la palabra.* Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”.
1992. *Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá.* Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología: Fundación “León Cadogan”: CEADUC-CEPAG.
1992b. **Diccionario Mbyá-Guarani — Castellano.** Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología: Fundación “León Cadogan”: CEADUC-CEPAG.
- CADOGAN, León e AUSTIN, A. López. 1978. **La literatura de los Guaraníes.** México D.F.: Joaquín Mortiz,
- CHAMORRO, Graciela. 1998. **A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra.** São Leopoldo: Sinodal.
- CICCARONE TANGERINO, Celeste. 1996. **Revelações sobre a terra: a memória viva dos Guarani.** Vitória: Ed. UFES.
- CLASTRES, Pierre. 1990. **A fala sagrada. Mitos e cantos sagrados dos índios Guarani.** Campinas: Papyrus.
- CLASTRES, Hélène. 1978. **Terra sem mal. O profetismo Tupi-Guarani.** SP: Brasiliense.



- DARELLA, Maria Dorothea Post.
1996. **Os Guarani-Mbyá da Grande Florianópolis: movimento, subsistência, terras, vida, luta e perspectivas.** Trabalho apresentado na 3a Reunião Especial da SBPC. UFSC, Florianópolis.
1998. "Ore roipota yvy porã". **Índios Guarani, terras, meio ambiente e cultura no litoral de Santa Catarina.** Projeto apresentado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.
1999. **Aldeias, terras e índios Guarani no litoral centro-norte de Santa Catarina e a BR 101.** (GTs Portarias 641/PRES-699/PRES e 922/PRES/1998). Relatório final. Florianópolis, julho.
- DARELLA, M.D.P., GARLET, I.J. & ASSIS, V.S. de, 2000. **Estudo de impacto: as populações indígenas e a duplicação da BR 101, trecho Palhoça/SC — Osório-RS.** Florianópolis — São Leopoldo.
- FARIAS, Maristela D.H. 1997. **Sobre a necessidade de terras para os índios Guarani do litoral de Santa Catarina: estudo a partir do caso Massiambu.** Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais/UIFSC.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. 1994. A transmissão de conhecimento entre os Guarani do Ribeirão Silveira. **Terra Indígena.** Ano XI (73): 7-28, out./dez.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. 1994. **Mairi revisitada. A reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi.** São Paulo: USP: FAPESP.
- GARLET, Ivori José. 1997. **Mobilidade Mbyá: história e significação.** Dissertação de Mestrado em História Ibero-Americana da PUC-RS. Porto Alegre.
- HILL, Jonathan. 1988. **Rethinking History and Myth: Indigenous South-American Perspectives on the Past.** Univ. of Illinois Press.
- HOBSBAWM, Eric. 1997. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra. p. 9-23.
- LADEIRA, Maria Elisa. 1997. O uso da escrita entre os Timbira. **RUA - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade** da UNICAMP NUDECRI (3): 119-135, mar.
- LADEIRA, Maria Inês
1990. **Yy Pau ou Yya Pau. "Espaço mbya entre as águas ou o caminho aos céus".** Os índios Guarani e as ilhas do Paraná. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista.
1992. "O caminhar sob a luz" — **O território Mbya à beira do oceano.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (Antropologia) da PUC-SP. São Paulo.
1996. **O antropólogo agente e a pesquisa antropológica — O trabalho de Regularização Fundiária entre os Guarani do litoral —** CTI. IJFSC, 26.08.96. (Palestra gravada e transcrita)
- LADEIRA, M.I.; DARELLA, M.D.P. e FERRAREZE, J.A. 1996. **Relatório sobre as áreas e comunidades guarani afetadas pelas obras de duplicação da BR 101 no estado de Santa Catarina, trecho Garuva — Palhoça.** Florianópolis, agosto.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986. **Minhas palavras.** São Paulo: Brasiliense. p. 149-55.

LITAIFF, Aldo.
1996. **As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbyá.** Florianópolis: Ed. UFSC.
2000. **Kesuita, uma metáfora mítico-histórica.** Trabalho apresentado na XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília.

LITAIFF, Aldo *et al.* 1999. **Relatório de eleição da área a ser destinada pela TBG aos índios Mbya-Guarani do litoral do estado de Santa Catarina.** Florianópolis, julho.

MELIA, Bartomeu.
1990. A terra sem mal dos Guarani. Economia e profecia. **Revista de Antropologia** (33): 33-46.
1995. **Elogio de la lengua guarani.** Asunción: CEPAG.
1997. **El Paraguay inventado.** Asunción: CEPAG.

MONTARDO, Deise Lucy. 2001. **O fazer-se de um belo guerreiro — música e dança no jeroky guarani.** IV RAM, Curitiba/PR, novembro.

MONTEIRO, John Manuel. 1992. Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.) **História dos índios no Brasil.** São Paulo: FAPESP: SMC: Companhia das Letras. P. 475-498.

NIMUENDAJU, Curt. 1987. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani.** São Paulo: HUCITEC: EDUSP. P. 29-47.

RAMOS, Lorenzo; RAMOS, Benito e MARTINEZ, Antonio. 1984. **El canto resplandeciente. Ayyu rendy vera.** Buenos Aires: Ed. Del Sol.

SCHADEN, Egon. 1974. **Aspectos fundamentais da cultura guarani.** SP: EPU: EDUSP.

TORRES, Dionisio Gonzalez. 1987. **Cultura Guarani.** Asunción.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1987. Nimuendaju e os Guarani. *Imu:* NIMUENDAJU, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani.** São Paulo: HUCITEC: EDUSP. p. xvii-xxxviii.

Notas

¹ Este artigo advém de trabalho apresentado em fevereiro de 2000 como requisito final da disciplina Tradição, memória, oralidade (PPGASIFFLCH/USP), ministrado pela Professora Dra. Dominique Tilkin Gallois no segundo semestre de 1999, com o título **Reflexões sobre a palavra** (falada e/ou escrita) **em Guarani e Português em busca de yvy porã/tekoa porã** no litoral do estado de Santa



Catarina. O trabalho foi revisado em julho de 2000 para apresentação na XXII Reunião Brasileira de Antropologia (Brasília, 16 a 19.07.00). Para fins de publicação na Revista Encontros Teológicos do ITESC, foi alterado e atualizado em novembro de 2001. Originalmente o trabalho apresentava e analisava também documentos escritos por índios Guarani.

² *Ñe'e* significa em *mbya*, canto de aves, ruídos de animais e excepcionalmente palavra humana. Utilizada em uma invocação ou oração, designa a palavra dos deuses, alma de origem divina. *Ayvu* significa falar, linguagem e *ayvu porã*, linguagem religiosa, as palavras que os deuses comunicam àqueles dedicados aos exercícios espirituais, que penetram a alma através do cume da cabeça. Seu sinônimo é *ayvu marã' ey*, palavras carentes de mal (Cadogan, 1992b). Em guarani antigo, *ñe'e* denomina língua e *ayvu*, ruído. Em *apapokuva*, *ñe'e* quer dizer voz animal e *ayvu*, língua (Nimuendaju, 1987). De modo geral, a bibliografia indica *ñe'e* e *ayvu* como a palavra, a linguagem humana.

³ Essas três divindades advêm do zênite, leste e oeste, respectivamente.

⁴ O trabalho "Árvores cósmicas/sagradas: o *pindo* e o *ygary* na cosmovisão dos índios Guarani", de minha autoria, reflete sobre a importância da palmeira (*Arecastrum romanzoffianum*) e do cedro (*Cedrela Jissilis*) na sociedade guarani, a partir de sua cosmogonia.

⁵ LADEIRA (1992, 1996) esclarece que os Guarani eram totalmente avessos à demarcação de terras, o que era entendido como a desfiguração do território, a deformação do mundo. A demarcação é uma necessidade criada pelo Estado. Esse entendimento é extensivo às demais sociedades indígenas no país.

⁶ Em 1998 ocorreram os trabalhos do grupo técnico da FUNAI na aldeia para a reidentificação da área, tendo a mesma sido declarada de posse permanente dos Guarani através de Portaria Declaratória, assinada pelo Ministro da Justiça em 26.07.00. Trata-se, assim, da primeira terra indígena guarani demarcada no Estado de Santa Catarina.

⁷ Seminário ocorrido nos dias 10 e 11.09.01 na Ilha de Santa Catarina, organizado pelo Conselho Indigenista Missionário-Sul e o Museu Universitário/UFSC, com apoio da Comissão de Apoio aos Povos Indígenas.

Endereço do Autora:

a/c da Redação: ITESC - Cx. 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC



Com a sabedoria de poucos, o jovem líder, Werá Tupã (Leonardo da Silva Gonçalves), da aldeia Marangatu, no município de Imaruí, SC., em entrevista a Clóvis Brighenti do CIMI, relata com muita clareza e simplicidade, a complicada situação que vive o povo Guarani. É um povo que tem na terra e na religião a essência do ser, e está cada vez mais confinado em espaços exíguos, onde mal podem sobreviver fisicamente. A inoperância e desassistência do estado, associadas a uma prática integracionista, leva os Guarani a buscar o afastamento da relação com os não-indígenas. Hoje, a ausência de espaços próprios torna-os visíveis e uma presença incômoda para quem acreditava que já estariam eliminados culturalmente.

ENTREVISTA COM WERÁ TUPÃ

“A prioridade é a demarcação das terras”

Clóvis Brighenti
Agente de Pastoral do CIMI - SUL

